

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Bianca Elisa Fogaça Duccini

**Destinos interrompidos: uma análise netnográfica do luto por
morte em sinistro de trânsito**

Mestrado em Psicologia Clínica

São Paulo

2023

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Bianca Elisa Fogaça Duccini

**Destinos interrompidos: uma análise netnográfica do luto por
morte em sinistro de trânsito**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título de
Mestre em Psicologia Clínica sob a orientação da
Profa., Dra. Maria Helena Pereira Franco.

Mestrado em Psicologia Clínica

São Paulo

2023

Banca Examinadora

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação de Mestrado por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

Assinatura:

São Paulo, / /

E-mail: bianca.duccini@gmail.com

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 88887.626497/2021-00.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Maria Helena Pereira Franco, a quem carinhosamente chamamos de Lelê, por me permitir aprender e ser parte de seu belíssimo legado.

À minha mãe pelo amor, apoio incondicional e por me apresentar o mundo dos livros e da educação desde cedo e ao meu pai que não mede esforços para consertar o mundo para mim.

Ao meu irmão, por me possibilitar a experiência de amar infinitamente seus filhos, Luis Ricardo e Lívia, fonte de amor, alegria e esperança.

Aos meus amigos do LELu, pelo suporte amoroso nas dificuldades e pelos momentos compartilhados com alegria pelos corredores da PUC e fora deles.

À professora coordenadora deste programa de pós-graduação, Marlise Bassani, pelos ensinamentos nas disciplinas de docência, tão importantes na minha formação.

À professora Rosane Mantilla pelas pontuações pertinentes para elaboração deste trabalho.

Ao professor André Sendra de Assis, por despertar meu interesse no pensamento fenomenológico, por sua generosidade nos compartilhamentos clínicos e nas contribuições com esse trabalho.

Às minhas amigas, por serem abrigo amoroso e consistente, especialmente nos últimos dois anos.

À Camila, pela sagacidade, cuidado e afeto ao me acompanhar na minha busca por mim mesma.

À Evani, por ser luz que ilumina as encruzilhadas da vida.

À NOS, chão sagrado em que piso e sustenta um dos pilares fundamentais da minha existência.

Aos meus analisandos, por confiarem suas histórias de amor e perda, e assim me permitirem ser transformada pela potência desse vínculo.

Aos meus alunos, pela honra de contribuir na formação de novas gerações de psicólogos.

À CAPES, pelo incentivo à presente pesquisa.

*“A tua saudade corta
Como aço de naváia
O coração fica aflito
Bate uma, e a outra faia
E os zóio se enche d'água
Que até a vista se atrapáia, ai ai.”*

Cuitelinho – Nara Leão, 1974.

Ao Ricardo Emmanuel Romero (in memorian), dedico.

DUCCINI, B. E. F. **Destinos interrompidos: um olhar netnográfico para o luto por morte em sinistro de trânsito.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2023.

RESUMO

Sinistros de trânsito foram responsáveis por 32.652 óbitos em 2021 no Brasil, tendo sido a principal causa de morte de jovens entre 15 e 29 anos. A presente pesquisa ancora-se em aproximações teóricas entre fundamentos sobre o luto e o pensamento heideggeriano. O luto por morte violenta apresenta especificidades na experiência humana da perda, ressaltando que o tipo de morte representa um fator de risco para complicações no processo de luto. O objetivo dessa pesquisa foi analisar escritos endereçados a pessoas falecidas por morte violenta em sinistro de trânsito, compartilhados na rede social *Facebook*. Utilizou-se o método netnográfico com interpretação hermenêutica dos dados obtidos sobre o que foi comunicado na postagem realizada, o porquê de ter sido postado naquela comunidade específica e o que foi comunicado para além do escrito. Os resultados indicam que datas especiais, nível de parentesco, saudade, permanência de amor, lembrança, uso de álcool, irresponsabilidade do condutor e desesperança são os principais conteúdos das postagens. Quanto à motivação para escrever na comunidade específica, os resultados apontaram a sensação de pertencimento e acolhimento. O comunicado para além do escrito versou sobre lembrar não apenas a saudade do falecido, mas evocar a responsabilidade dos condutores que vitimizaram seus familiares e amigos e a busca por justiça. O ciberespaço percorrido na pesquisa ofereceu possibilidades para sua realização, com foco na experiência do luto, reforçando a importância de adequação metodológica aos recursos contemporâneos.

Palavras-chave: Sinistros de trânsito, Morte violenta, Luto, Netnografia, Psicologia Fenomenológica-hermenêutica

DUCCINI, B. E. F. **Interrupted destinations: a netnographic perspective for grief of death in traffic crashes.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2023.

ABSTRACT

Traffic crashes were responsible for 32,652 deaths in 2021 in Brazil, having been the leading cause of death of young people between 15 and 29 years old. The present research is anchored on theoretical approximations among fundamentals about grief and Heideggerian thought. Grief over violent death presents specificities in the human experience of loss, emphasizing that the type of death represents a risk factor for complications in the grieving process. The objective of this research was to analyze writings addressed to people who died of violent death in traffic crashes, shared on the social network Facebook. The netnographic method was used with a hermeneutic interpretation of the data obtained about what was communicated in the post made, why it was posted in that specific community, and what was communicated beyond the written. The results indicate that special dates, kinship level, longing, love permanence, remembrance, alcohol consumption, driver irresponsibility, and hopelessness are the main contents of the posts. As for the motivation for writing in the specific community, the results pointed to the feeling of belonging and reception. The statement apart from the writing was about remembering not only to miss the deceased but to evoke the responsibility of the drivers who victimized his family and friends and the quest for justice. The cyberspace traveled in the research offered possibilities for its realization, with a focus on the experience of grieving, reinforcing the importance of methodological adequacy to contemporary resources.

Keywords: Traffic crashes, Violent death, Grief, Netnography, Phenomenological-hermeneutic Psychology

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
<u>1. EXISTÊNCIA E PERDA: LUTO COMO EXPERIÊNCIA HUMANA</u>	15
2 LUTO POR MORTE VIOLENTA	19
4 DESTINOS INTERROMPIDOS: MORTES NO TRÂNSITO	25
5 A ESCRITA COMO UM FAROL NA NEBLINA	30
6.1 Objetivo geral	38
6.2 Objetivos específicos	38
ANEXO 1 - EMAIL?	54
REFERÊNCIAS	55

INTRODUÇÃO

"*Dos acidentes se encarrega a vida [...]*"

Wolf Erlbruch, 2009 - "O Pato, a Morte e a Tulipa".

Erbruch (2009), escritor e ilustrador alemão de livros infantis, na obra intitulada *O pato, a morte e a tulipa*, presenteia o leitor com diálogos e ilustrações sensíveis entre a morte e o pato. Em um deles, a morte diz ao pato que esteve por perto durante toda a vida para o caso de acidentes, gripes, tosses e todas as coisas que podem acontecer aos patos vivos. É a vida que se encarrega da morte. Essa passagem traduz em palavras simples e sensíveis a verdade com a qual vivemos: a certeza da morte como condição para estar vivo.

Ainda que certa, a morte é um fenômeno que suscita diversos olhares e vieses. O lugar de pesquisadora é, antes de tudo, lugar das inquietações e vivências. Um longo caminho foi percorrido para que vivências viscerais sobre a morte e o luto pudessem nascer em palavras e dar espaço para as inquietações. Escolher as palavras e escrevê-las é uma renúncia de tantas que poderiam ser escritas. Escrever é, portanto, perder parte daquilo que se pretende nomear e, muitas vezes, encontrar no escrito justamente o que se intentava dizer.

Esperamos que a vida tenha um fluxo contínuo e garantido de realizações, passos e etapas a serem vividas. Do nascimento à velhice, um roteiro imaginado para compor esse espaço de tempo entre o nascimento e a morte. Muitos caminhos a trilhar, pessoas a conhecer, erros a cometer. Uma vida de infinitas possibilidades.

Durante a jornada de construção da presente pesquisa, fui questionada e me questioneei sobre o por quê de ter escolhido o luto por morte violenta como tema. A resposta teve variações ao longo do tempo de acordo com que a vida impôs como acontecimento. Em alguns momentos, a resposta vinha aos prantos e com dificuldade de seguir os próximos passos. Em outros, carregada de sentido e esperança que, de alguma maneira, estas linhas pudessem contribuir com o entendimento e, conseqüentemente, como bálsamo para pessoas que tenham perdido alguém de maneira violenta. Nesse sentido, encontrei nas palavras do psicodramatista Sergio Perazzo (2019) a tradução para essas inquietações:

É porque estou e porque sou profundamente ligado à vida que escrevo sobre a morte.

Escrever sobre a morte é de alguma forma poder confrontá-la, não sei se face a face, mas pelo menos de viés, embora sua verdadeira fisionomia esteja sempre de algum modo irremediavelmente encoberta. (PERAZZO, 2019. p. 15)

É necessário e esperado de um pesquisador que suspenda suas experiências pessoais. Ao fazer ciência, especialmente com um olhar fenomenológico, é necessário deixar que os fenômenos se mostrem como são na sua individualidade; porém, a pesquisadora, como ser, é dotada de intencionalidade – isso que atribui sentido às coisas (HUSSERL, 1931[2013]). Portanto, entendi como necessário e importante costurar as vivências de enlutada e de pesquisadora que habitam em mim.

Em 2003, aos dezessete anos, vivenciei a perda pela morte em sinistro de trânsito do meu primo Ricardo (de vinte e um anos), a quem dedico essa pesquisa e que com sua partida precoce mudou os rumos da minha vida. Nos capítulos adiante serão explicitadas as particularidades de um luto por morte violenta, mas nessa introdução quero salientar a importância de uma educação para o luto e como a ausência de informação pode dificultar o processo. Levou o que chamo de “uma eternidade de anos” para que eu me encontrasse com teorias do luto que abordassem aquilo que eu vivia e vivo na pele. Elaborar luto, esquecer Ricardo, ficar bem com sua partida, viver etapas... nada disso fazia sentido para a potência desse vínculo. Ao longo dos anos, eu continuava (e continuo) me sentindo vinculada com alguns momentos vividos de forma aguda, apresentando esse vínculo para pessoas novas que chegavam à minha vida. Estava vivendo meu luto de maneira errada?

A resposta começou a ser possível quando me encontrei com o modelo de processo dual do luto. A oscilação fez sentido! Alguém finalmente havia nomeado o que eu sentia. Na ocasião da morte, meus planos acadêmicos circulavam em torno de me tornar socorrista do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência - SAMU, projeto impossível naquele momento dado o impacto traumático da morte. Rynearson (2001), um autor essencial para essa pesquisa, psiquiatra que trabalha com enlutados por morte violenta e que perdeu sua esposa por suicídio, diz que há apenas dois estágios de luto: quem você era antes e quem você se torna depois. Há algo na dor que prepara nossos ouvidos e nos faz buscar intervenções específicas para esse luto visceral.

Anos mais tarde, após experimentar o campo das Ciências Ambientais (Tecnologia em Gestão Ambiental finalizado, com Graduação em Geografia e Engenharia Ambiental

interrompidos), me encontrei com a Psicologia. Clínica, desde o princípio, e com interesse profundo pelas demandas emergenciais vivenciadas no estágio de plantão psicológico, palco de encontros com relatos agudos de perdas e traumas.

Em 2016, no meu último ano da graduação, um sinistro de trânsito envolvendo o ônibus da Linha 12 na Rodovia Mogi-Bertioga levou a óbito o motorista e dezessete estudantes de universidades de Mogi das Cruzes (UMC), comunidade da qual eu faço parte. Esses estudantes falecidos circulavam nos corredores, eram amigos de amigos, conhecidos. Acompanhamos estarrecidos as notícias de terror que chegavam via celular ao longo da madrugada. Duas semanas depois, eu e outros alunos do último ano organizamos, junto à coordenação do curso, uma ação de plantão psicológico visando o retorno à faculdade para alunos com suporte para familiares e demais membros da comunidade que se sentissem afetados pelo acontecimento.

Ouvir relatos detalhados pela busca dos corpos de amigos, o desespero, a angústia, a dor em estado agudo só não foi paralisante porque havia elementos muito familiares do meu processo de luto e que, àquela altura a minha formação teórico-técnica, não haveria como dar sustentação a intensidade da narrativa. É também para esses destinos interrompidos na Linha 12 e seus enlutados que essa pesquisa se endereça e compõe esse retalho de sentidos.

No início da prática clínica como profissional, conheci o paciente L, assim chamado nesse presente relato a fim de assegurar o sigilo de sua identidade. L, um homem com mais de 50 anos à época do atendimento, enfrentava um agravamento do uso de álcool nos últimos anos, levando ao esgarçamento da rede de apoio, prejuízos financeiros e profunda desesperança. Sua esposa fora atropelada por um ônibus em uma via urbana de grande movimentação e ele presenciou a cena do outro lado da via. Seu relato, carregado de dor, imagens traumáticas e pensamentos intrusivos, encontrou possibilidade de ser narrado, semana após semana por alguns meses, inaugurando a fala e o ser ouvido como estratégia para além do entorpecimento pelo álcool, no processo de adaptação após a perda de sua figura de amor. É também pela lembrança de seus olhos marejados narrando sua dor, que essa pesquisa se endereça e busca dar voz, ouvido e sentido.

Durante o percurso neste Programa de Pós-Graduação, na disciplina de Estágio Docência, tive a alegria de compartilhar o andamento da pesquisa com os alunos do quinto semestre da graduação em Psicologia na disciplina eletiva *Morte e Luto*, ministrada pela professora Maria Helena, uma grande oportunidade de discutir sobre as especificidades do luto

por morte violenta em sinistro de trânsito e assim cumprir dupla tarefa: instrumentalizá-los com conceitos importantes acerca do tema e trazer para a sala de aula apontamentos sobre uma liberdade positiva, evidenciando o caráter também preventivo do tema.

Fruto de um interesse genuíno e compromisso com a sociedade, sob as orientações de Maria Helena, a equipe do LELu produziu em parceria com o CRAVI - Centro de Referência e Apoio à Vítima, a cartilha *Vamos falar de luto por morte violenta?*, objetivando a educação para o luto e o cuidado aos enlutados, a partir da percepção dos enlutados integrantes do grupo. O resultado desse trabalho encontra-se disponível em formato digital para consulta e distribuição.

Assim, o título dessa pesquisa apresenta *Destinos interrompidos* tanto como trajeto de trânsito, quanto ao projeto de futuro repentinamente rasgado pela violência em sinistros. Inicialmente é apresentada aproximações teóricas entre a fenomenologia-existencial e teorias de luto. No Capítulo 2, são abordadas as especificidades do luto por morte violenta e focalizando em mortes em sinistros de trânsito, apresentadas no Capítulo 3. No Capítulo 4 a escrita é apresentada como possibilidade de expressão do luto, incluindo a expressão escrita em ambiente virtual, levando à apresentação sobre a pesquisa netnográfica como possibilidade de pesquisa em Psicologia.

Os objetivos, apresentados no Capítulo 5, subsequentes à fundamentação e explanação do problema de pesquisa, trazem o foco para a importância dessa pesquisa, justificando a escolha pelo método netnográfico, Capítulo 6.

Por fim, os resultados obtidos e analisados no Capítulo 7 permitem ampliar a discussão sobre o tema, mesmo até salientando pontos a considerar para prevenção de luto complicado, especificamente relacionados ao tipo de morte considerada nessa pesquisa. As considerações que apontam para o futuro estão presentes no Capítulo 8.

Vale destacar uma diferença na nomenclatura. A partir da Normativa 10697 de 2020, emitida pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), substituiu a terminologia *acidentes* por *sinistros de trânsito* todo o evento que:

[...] resulte em dano ao veículo ou à sua carga e/ou em lesões a pessoas e/ou animais, e que possa trazer dano material ou prejuízo ao trânsito, à via ou meio ambiente, em que pelo menos uma das partes está em movimento nas vias terrestres ou em áreas abertas ao público. (ABNT, 2020, p.5)

A determinação da mudança na terminologia deve-se ao fato de esses eventos serem *evitáveis* dado que os fatores de risco e os caminhos para mitigação de danos são conhecidos.

Desta forma, esta é a nomenclatura adotada no presente trabalho sempre que for utilizada por uma elaboração da autora; enquanto trabalhos de outros autores e pesquisadores citados e utilizados terão sua nomenclatura mantida, uma vez que se refiram ao mesmo fenômeno estudado.

Iniciei a presente introdução citando Erlbruch (2009) “[...] dos acidentes se encarrega a vida” e encerro enfatizando que a mudança na nomenclatura se enlaça com o que também se pretende na presente pesquisa: abrir espaço, ao falar sobre luto por morte em sinistro de trânsito, para o caráter preventivo e psicoeducativo de realizar ciência. Ao admitir que sinistros são eventos evitáveis e o caráter violento nesse tipo de morte, essa pesquisa aponta para a responsabilidade e conscientização de, enquanto sujeitos abertos de realizar escolhas no mundo, escolher realizar, dentro das possibilidades, uma existência que aponte para sua continuidade, ou seja, apontar para que o fato de que o uso de bebidas alcoólicas, velocidade incompatível e comportamento do motorista podem antecipar o encontro do ser com a morte.

1. EXISTÊNCIA E PERDA: LUTO COMO EXPERIÊNCIA HUMANA

“A morte põe um olho no passado e outro no futuro e deixa a gente cego na hora, no encontro com o que foi e o que será, na tortura do que poderia ter sido. Impõe o desespero do definitivo, trava os movimentos. Embrulha o estômago. Indigesta. Faz frio nos ossos. A morte é vida intensa demais para quem fica.”

Carla Madeira, 2021.

Estudiosos se debruçam sobre o tema a partir de seus constructos epistemológicos e horizonte histórico. Seguindo o objetivo de buscar aproximações teóricas que contribuam com o cuidado respeitoso e suportivo aos enlutados, é importante destacar teorias que contribuíram com o tema.

Freud (1917 [1915], 2010) em *Luto e Melancolia*, aponta o luto como um trabalho que cumpre, aos poucos, a possibilidade de investir libido em outro objeto de amor. Kübler-Ross (1998) sistematiza seu trabalho com pessoas adoecidas em processo de fim de vida, em fases que caminham para a elaboração do luto, a saber: negação e isolamento, raiva, barganha, depressão e aceitação. Embora esses estudiosos tenham apresentado rica contribuição para o entendimento nas temáticas de luto, o horizonte histórico e o trabalho clínico com enlutados apresentaram perspectivas que visam a experiência única e individual do enlutado a partir de outros vieses.

Em artigo publicado em 2017, Stroebe, Schut & Boerner advertem que a ideia de fases endossam que enlutados passarão por um padrão definido de reações específicas ao longo do tempo, levando a uma expectativa de enquadramento prejudicial para quem não passa pelas

fases. Afirmam ainda que a proposta de elaboração por fases não contribui para identificação de complicações no processo de luto, faltando-lhe rigor científico na elaboração, pois não há aprofundamento teórico, gera expectativas indevidas, não leva em conta a diversidade e o contexto social, as mudanças contínuas, trazendo uma perspectiva passiva do processo e podendo apresentar consequências devastadoras. Stroube & Schut (1999) elaboraram o modelo do Processo Dual para uma compreensão sobre o luto que se desvencilhar da perspectiva de fases e apresentando uma compreensão dinâmica da experiência.

Bowlby (1982) evidencia a existência de um vínculo para que haja a experiência de luto; nessa perspectiva, apresenta fases que, embora possam diferir quanto a intensidade e duração de acordo com cada indivíduo, apresentam um padrão: torpor, saudade e busca da figura perdida, desorganização e desespero, e fase de maior ou menor grau de reorganização. O autor esclarece que, apesar de essas fases terem sido utilizadas amplamente como forma de categorizar o processo de luto normal, essa não era a intenção, mas organizar as reações possíveis diante da perda. Para ele, o luto provoca uma crise no funcionamento da vida, demandando ajustamentos necessários em uma ocasião em que a demanda é superior àquilo que a pessoa tem de recursos de enfrentamento.

As contribuições da Teoria do Apego defendida por Bowlby, enfatizam a necessidade de vinculação entre os seres humanos para haver pesar. Parkes (1998) diferencia o luto das categorias de doenças descritivas por entender o luto como um processo e não um estado. Esse processo envolve uma sucessão de quadros clínicos que se mesclam e se substituem e inaugura a necessidade de aprender novos papéis sem o suporte da pessoa significativa, apresentando a Teoria da Transição Psicossocial. Ajustar-se em um mundo em que alguém amado não existe mais é um processo de aprendizagem em um mundo diferente. Parkes (2009) cunhou em 1971 o termo *mundo presumido*, que é a denominação de mundo interno que é tida como verdadeiro, familiar e seguro, independente de quão insatisfatório é esse mundo, ele oferece segurança e permite alguma previsibilidade. Essa parte valiosa do nosso equipamento mental não é fixa, está em constante modificação e sofre uma quebra quando perdemos uma relação importante.

Parkes (2006, p.11), “[...] amor é a fonte de prazer mais profunda na vida, ao passo que a perda de quem amamos é a mais profunda fonte de dor. Portanto amor e perda são faces da mesma moeda. Não podemos ter um sem nos arriscar ao outro.”

Considerando que a perda de alguém significativo envolve pesar e aponta para a necessidade de se ajustar a um mundo novo, o processo dual de luto, postulado por Stroebe & Schut (1999) mostra que as pessoas enlutadas tendem a oscilar entre uma orientação para a perda e uma orientação para a restauração. Experimentar a vivência rígida (fixada) em um dos movimentos pode apontar para um adoecimento, ou em termos existenciais, um encurtamento de possibilidades de existência.

Para Franco (2021), quem fica, após o rompimento de um vínculo, precisará viver um processo dinâmico de construção de significado que envolve processos psíquicos, cognitivos, biológicos, espirituais e implica mudança, elaboração e movimento: o luto. A gravidade da reação do luto tende a aumentar em proporção à intensidade do relacionamento amoroso (WORDEN, 2013). Barbosa (2010) contribui ao apresentar três tarefas em relação ao trabalho de luto: reconectar, visitar e reintegrar, no que denominou de abordagem 3 Rs. *Reconectar* verifica as possibilidades de encontrar objetivos de vida e reajustar funcionamentos adaptativos, adotando novas formas de estar no mundo. O *reintegrar* caracteriza-se por um processo paulatino de acomodação, integração de novos significados e desenvolvimento de uma nova identidade. E no *visitar*: “[...] encoraja-se o reencontro com a história da perda cada vez com maior envolvimento emocional, numa narrativa que relembra realisticamente a pessoa falecida num reviver emocional da relação” (BARBOSA, 2010, p.515-516). Voltarei a essa conceituação na discussão do capítulo sobre a escrita no processo de luto.

Rynearson (2001) afirma que só há dois estágios do luto: *quem você era antes e quem você é depois*, apontando para o fato de que a experiência de perder uma pessoa significativa altera a existência do sujeito enlutado. Um marco na linha do tempo existencial e uma ruptura de familiaridade com o mundo.

Para ampliar a discussão a respeito de morte e luto, sendo este entendido como uma experiência humana, recorreu-se aos conceitos que fundamentam o pensamento heideggeriano e são terreno para germinar explanações sobre o foco deste trabalho, pelo olhar fenomenológico-existencial.

O filósofo alemão Martin Heidegger em sua obra *Ser e Tempo* (1927/2012) pensa o homem a partir de seu fim. Argumenta que a morte é uma parte inerente da existência humana, existindo uma profunda relação entre ela e a identidade humana. Heidegger propôs que a morte

não é apenas um fim para a existência, mas também é o que dá significado a ela. A morte é o fim da vida, mas também é o que nos dá a oportunidade de viver plenamente.

Para Heidegger (1927), o ser-aí (Dasein) é desde todo seu início um ser-para-a-morte, ou seja, a morte é tão certa quanto o nascimento, com a diferença que a morte pertence ao futuro. Não se sabe quando e nem como. Pompeia (2011) elucida que Dasein é, portanto, um ente aberto a possibilidades em dimensões do futuro, do passado e do presente. É o ser que tem que existir e cuja existência é ser-aí, ser-no-mundo. O mundo é mais do que a totalidade de tudo o que existe. É, acima de tudo, um horizonte de possibilidades no qual tudo que existe, toda a realidade e todo o universo, pode se manifestar. É para o Dasein que as entidades do mundo se manifestam em seu ser.

A finitude é a condição de seu ser, e a consciência dessa finitude é essencial para a compreensão das estruturas existenciais do Dasein. Por meio da consciência da sua finitude, o Dasein pode ter uma relação mais profunda e significativa com o mundo ao seu redor, e compreender melhor a sua própria existência. Ser um poder-ser, ser um ser-no-mundo significa ser uma dinâmica existencial finita que encontra na finitude a sua determinação fundamental (CASANOVA,2009).

"Ser-para-a-morte", para Heidegger (1927), é considerar a morte não apenas um evento, mas um processo de autoconsciência. Nesse sentido, a morte é um meio para a autotranscendência, permitindo a conexão com o futuro e a compreensão da existência. Na morte, o Dasein dos outros, segundo o autor, atinge um já-não-ser-aí, ou seja, já não ser-no-mundo. Esse ente que morre é mais do que uma coisa material sem vida, é um não-vivo que perdeu a vida, permanecendo no luto da recordação dos sobreviventes que estão junto *a ele* e *com ele* de forma a reverenciá-lo, em modo de preocupação-com-outro. Contudo:

O ser-com significa sempre ser-com-um-outro no mesmo mundo. O finado abandonou e deixou para trás o nosso "*mundo*". A partir desse *mundo*, os que ficam ainda podem *ser com ele*. (HEIDEGGER, 1927, p. 661)

O viés fenomenológico, para Feijoo (2022), compreende o luto como uma experiência humana, portanto, não passível de sistematização, nem tido como patológico na maioria dos casos. Ancorada na ontologia fundamental de Heidegger, a autora afirma que não cabe falar em elaboração ou ressignificado do luto, mas em saudade. "*Saudade que ao mesmo tempo que traz a tristeza da lembrança, traz também a alegria de ter o que recordar*" (FEIJOO, 2022, p. 158).

A existência vai transcorrendo e, repentinamente, sua concretude apresenta-se com a ausência de quem amamos. Trata-se de uma realidade cognitivamente apropriada pelo homem adulto que já compreende o caráter universal da morte. Mas o que se rompe com a perda é a trama tecida pelo sentido daquela relação. (VENDRUSCOLO, 2022, p. 258).

Holzhey-Kunz (2018) tece um caminho histórico das relações, apontando a ideia de Binswanger em que o sentido da relação pode ser entendido na sua forma mais elevada de ser-um-com-o-outro como amor, sendo o homem entendido não meramente como coisa.

Parece possível aproximar o pensamento fenomenológico-existencial do entendimento de luto proposto por Bowlby, Parkes, Franco, Worden, Barbosa, Stroebe, Schut e Rynearson, citados no que se refere ao caráter biográfico da experiência da perda. Rompe-se a familiaridade com o mundo, aponta-se para o viver-com a saudade, oscilando entre a tristeza da lembrança e a alegria de ter vivido, a perda estando relacionada à importância da relação perdida e, especialmente, no cuidado em não enquadrar em patológico e anormal a experiência do enlutado.

O tempo do luto tem sido tema de discussão ao ser enviesado por um cálculo que pode ou não atestar normalidade no processo, devido à inclusão do transtorno de luto prolongado no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-V. Segundo Prigerson et al, 1995; 1997; 1999; Prigerson, 2004, existe uma população intermediária de enlutados que apresenta complicações no processo de luto, cuja severidade e duração dos sintomas justificam intervenções terapêuticas. É importante frisar que o transtorno de luto prolongado é distinto e apresenta sintomatologia diferente de outros transtornos psiquiátricos, como o Transtorno do Estresse Pós-Traumático, transtorno depressivo maior, depressão e ansiedade. (BOELEN & PRIGERSON, 2007). Nesse sentido, é importante conhecer e estabelecer critérios para o diagnóstico e posterior intervenção no luto prolongado, assim como capacitar os profissionais de saúde para identificarem os enlutados em condições de risco, que passariam despercebidos se o foco for dirigido apenas à depressão e à ansiedade (SHEAR et al, 2005).

Para Holland et al (2009), as reações patológicas distintas do luto prolongado definem-se, principalmente, pela severidade dos sintomas que persistem por seis meses ou mais após a perda significativa. Prigerson et al (2009), apontam que o transtorno de luto prolongado caracteriza-se por sintomas específicos, a saber: intensa saudade e anseio pela pessoa que morreu, descrença ou dificuldade em aceitar a morte, pensamentos intrusivos acerca do falecido, dormência emocional, choque ou confusão, dificuldade em continuar com a própria vida e significativo comprometimento da atividade ocupacional ou social.

A depender da leitura clínica do profissional, a inclusão do luto prolongado no DSM-V, pode expandir a direção do cuidado ou restringi-lo. Propõe-se na presente pesquisa discutir o tema a partir do pensamento heideggeriano sobre a flor do açafrao: *Zitelosá* é uma flor sem tempo, não floresce no determinado tempo habitual das flores, é um tempo impróprio, inoportuno (HEIDEGGER, 2017). Ao considerarmos que a existência de quem perde uma pessoa significativa passa por um caminhar oscilante e não-linear, tentar enquadrar essa experiência no calendário é que pode ser considerada imprópria e inoportuna.

Expandir o cuidado é, antes de tudo, entender as especificidades do que se pretende cuidar. A presente pesquisa versa sobre a especificidade do luto por morte violenta e como afirma Parkes (2009), todos os lutos são traumáticos, embora alguns o sejam mais do que outros. O trauma, como vivenciado nesse tipo de evento, age como complicador, pois aumenta a intensidade e a duração do luto. Para tanto, serão apresentadas no próximo capítulo as especificidades do luto por morte violenta.

2. LUTO POR MORTE VIOLENTA

*“[...] Tudo aqui morre, menos os mortos.
A morte aqui é eternidade”.*

Amal Abuqamar, 2022 - Gaza, terra de poesia.

Diante de uma perda significativa, a maioria dos enlutados pode desenvolver um processo de luto saudável, superando os sentimentos de desespero, descrença e dor e, gradualmente, tornando-se capazes de encarar a realidade da perda e retornar a seus interesses, atividades de vida diárias e trabalho (PRIGERSON, 2004; RANDO, 2013). Porém, uma parcela de 10% a 20% dos enlutados apresenta dificuldades em lidar com a perda, podendo desenvolver sintomas debilitantes de ordem mental, comportamental, física e incapacidade funcional

persistente (BOERNER, MANCINI & BONANNO, 2013; BOELEN & PRIGERSON, 2007). É importante compreender quais são os fatores de risco para complicações no processo de luto.

Mortes inesperadas e precoces, como por sinistro de trânsito, dão origem a um tipo característico de resposta ao luto. Parkes (1998) apontou que a reação inicial de entorpecimento e descrença permaneceu por um grande período, sendo associada ao afastamento e a uma contínua sensação de presença do morto. Morte repentina, inesperada, horrível e precoce, com toda raiva e suspeita que a seguem, pode levar a família ao estresse a deixar de apoiar seus membros, gerando problemas psicológicos duradouros como o estresse pós-traumático e raiva intensa, minando a confiança em outras pessoas, inclusive no sistema policial e legal, evocando culpa por ter falhado em proteger o morto, visto que em alguns casos, levam a um processo legal lento, com sentenças banais quando comparadas a magnitude da perda. (PARKES, 1998).

Rynearson (2001) apresenta fatores de risco demográficos: idade, gênero, parentesco, modo de morte e renda. Sobre os fatores de risco pessoais, o autor elenca: comorbidade, histórico de tratamento psicológico, abuso ou negligência na infância e grau de apego. Barbosa (2010) aponta as dimensões fundamentais dos fatores de risco para o desenvolvimento de complicações no processo de luto:

- *Circunstância da perda*: Súbita e inesperada, traumática, estigmatizante e prolongada com grande sofrimento;
- *Vulnerabilidade pessoal*: perturbação psiquiátrica, personalidade e estilo de coping, estilo de vinculação, experiência acumulada de perdas pessoal, má adaptação inicial à perda;
- *Natureza da relação com o falecido*: excessivamente dependente, ambivalente e exclusivista;
- *Apoio familiar e social*: disfunção familiar, isolamento, alienação, projetos truncados (assuntos pendentes, ausência de rituais);
- *Insatisfação com cuidados de saúde*: sofrimento intenso anterior à morte, dificuldades diagnósticas, percepção que a morte poderia ser evitada e encarniçamento terapêutico.

Entendendo o enlutado como centro das intervenções no processo de luto, considerar a qualidade do vínculo com o falecido, a rede de apoio percebida e recebida nos âmbitos familiar

(considerando que quanto mais próximo do falecido, menor pode ser a possibilidade de dar suporte), social (comunidade, colegas de trabalho, comunidade religiosa e afins) e no sistema de saúde (acesso a cuidados de saúde mental), constituição do enlutado quanto a crenças em relação a morte e luto, histórico de condição psiquiátrica e histórico de enfrentamento a perdas anteriores e o contexto da perda é primordial para um cuidado consistente.

Na mesma direção, Worden (2012) aponta os mediadores no processo do luto para que seja compreendida as variações que cada pessoa pode experimentar diante de uma perda:

- mediador 1: quem era a pessoa que morreu;
- mediador 2: natureza do vínculo;
- mediador 3: como a pessoa morreu;
- mediador 4: antecedentes históricos;
- mediador 5: variáveis de personalidade;
- mediador 6: variáveis sociais;
- mediador 7: estressores concorrentes.

É possível afirmar, embasado nos autores (Parkes, 1998; Rynearson, 2001; Barbosa, 2010; Worden, 2012) que o contexto da morte é um fator importante a ser considerado no processo de luto. Este é, portanto, um indicador relevante para o desenvolvimento da presente pesquisa.

Demograficamente, dados publicados pelo Diário Oficial da União (DOU, 2022), em 2021 observou-se redução da mortalidade e o aumento da expectativa de vida, sendo de 73,6 anos para homens, e para as mulheres, de 80,5 anos. Do ponto de vista epidemiológico, há uma gradual alteração no perfil das causas de morte. Doenças infecciosas e parasitárias foram a causa de morte observadas no início do século XX. Na segunda metade do século, outras causas de morte passaram a se destacar: doenças crônicas não transmissíveis e causas externas (agressões, suicídio e mortes causadas em acidentes de trânsito); porém, no Brasil, há uma dupla carga de doenças, ou seja, ainda os índices altos de doenças infecciosas e parasitárias se fazem presentes, quando comparados a outros países industrializados, somadas a doenças crônicas e as mortes por causas externas (MORAIS-NETO & AQUINO, 2019).

Cerqueira (2021) ressalta em estudo publicado no Atlas da Violência pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA):

A categoria “Mortes Violentas por Causa Indeterminada” é utilizada para os casos de mortes violentas por causas externas em que não foi possível estabelecer a causa básica do óbito, ou a motivação que gerou o fato, como sendo resultante de uma lesão autoprovocada (suicídio), de um acidente (inclusive de trânsito), ou de uma agressão por terceiros ou por intervenção legal (homicídios). (CERQUEIRA, 2021, p.20).

Em 2019, a proporção de mortes violentas por causa indeterminada chegou à marca de 11,7%, depois de cair por quinze anos, tendo chegado a 6% em 2014. O acréscimo brusco das mortes por causa indeterminada decorrentes de lesão provocada por violência é preocupante e indica perda da acurácia das informações de saúde (CERQUEIRA, 2021).

A distinção entre morte violenta e mortes consideradas naturais pode ter significados diferentes para os sobreviventes. Embora a literatura aponte como violentas as mortes por homicídio, suicídio e acidentes, os familiares podem vivenciar de maneira violenta a morte em situações em que muita dor e doença física tenha sido experimentada. A intensidade do luto e a criação de sentido ou significado são fatores particularmente problemáticos após circunstâncias de morte. As complicações no processo de luto por morte violenta podem ter mais relação com um aspecto específico do que com a elevação ou acúmulo de sintomas mapeados em uma avaliação diagnóstica. Por exemplo, após o suicídio, uma dificuldade específica pode ter a ver com o sentimento avassalador de que se deveria ter evitado a morte, ou com a extrema tensão de sentir que se deve manter em segredo a causa real da morte. Se o foco estiver limitado a altos níveis acumulados de sintomas, o luto complicado pode ser negligenciado (RYNEARSON, SCHUT & STROUBE, 2013).

Rynearson (2001), em seu livro *Retteling Violent Death*, aponta que na morte violenta há três componentes, nomeados por ele de 3 Vs, que transformam o processo em algo abominável, roubando o sentido da morte:

- Violência – o ato de morrer é prejudicial;
- Violação – o ato de morrer é transgressivo;
- Volição – o ato de morrer é intencional (suicídio ou homicídio) ou negligência (a maioria dos acidentes fatais é devido a erro humano).

Rynearson (2001) ainda afirma que existem duas formas distintas, mas entrelaçadas, de reação à morte violenta: estresse de separação diante da perda irreversível e um estresse adicional de trauma pela forma como a pessoa morreu. O sistema nervoso central é programado

para processar o trauma da morte violenta antes do processamento do estresse de separação. O sofrimento do trauma diminui gradualmente e é substituído pelo sofrimento de separação, possibilitando se aproximar da memória da pessoa e de sua morte; porém, na morte violenta o sofrimento do trauma é mais intenso e continua por vários meses, diferente de como seria em uma morte natural. Apesar da passagem de tempo, a morte violenta continua como uma “experiência de agora” (RYNEARSON, 2001, p.26).

O autor (RYNEARSON, 2001) considera ainda as bases neurobiológicas para apontar que reengajar-se com a vida é difícil quando os esforços psíquicos estão empenhados em sobreviver. No trauma intenso, o processamento seletivo fica alterado e a memória fica registrada de maneira anormal e fragmentada. Evitar a consciência da morte violenta é a primeira resposta natural que estabelece uma estabilidade mental até que a resiliência seja reestabelecida. Assim como a evitação, os pensamentos intrusivos e que se apossam da pessoa são frequentes e marcados por duas fantasias:

- Reencenação da morte em si;
- Fantasias compensatórias de remorso (“Deveria ter prevenido”), retaliação (“Alguém precisa pagar por isso”) e superproteção (“Isso nunca mais vai acontecer”).

O luto, como uma experiência humana considerado nas suas especificidades e assim como os aspectos neurobiológicos de resposta frente ao luto por morte violenta, não visa reduzir o fenômeno ao âmbito biológico, mas oferecer entendimento e estratégias de cuidado que se assemelham a conhecer as propriedades da água para torná-la potável novamente: só é possível cuidar adequadamente daquilo que se conhece, lança olhar e considera. Assim, é possível oferecer intervenções específicas.

Rynearson, Schut e Stroube (2013) destacam que as intervenções em luto por morte violenta possuem três objetivos principais:

- 1.) A moderação da angústia (por meio de um relacionamento de confiança, um ambiente seguro, psicoeducação e estratégias de redução do estresse) que promove o domínio da segurança e autonomia pessoal.

- 2.) A exposição e o processamento reconstrutivo da narrativa do falecido e do luto por meio de um processo ativo de reconto imaginário verbal e não verbal. Isso promoveria coerência e motivação para o reengajamento, revisando o papel do narrador (identidade) dentro da narrativa.
- 3.) Reengajamento significativo com atividades e relacionamentos valiosos e vitais dentro da família e da comunidade em uma identidade alterada que honre a transformação.

Nesse sentido e segundo esses autores, em casos de morte violenta a narrativa da morte é distorcida, concentrando-se intensamente, até mesmo obsessivamente, na reencenação do falecido. No luto, em geral, é necessário que o clínico possa ajudar o enlutado a revisar seu relato pessoal sobre a perda e consequências, mas pode ser ainda mais importante no luto por morte violenta. Característica das narrativas de luto após a morte violenta são temas de horror e desamparo, com tópicos como remorso, reencenação, retaliação e retribuição que distorcem a estrutura da história da morte (CURRIER & NEIMEYER, 2006 apud RYNEARSON, SCHUT & STROUBE, 2013).

Compreendendo as especificidades de morte violenta, o capítulo a seguir apresenta o fenômeno de sinistros de trânsito como uma questão social e de saúde que justifica um olhar apurado para os enlutados nesse contexto.

3. DESTINOS INTERROMPIDOS: MORTES NO TRÂNSITO

“[...] A hora do encontro é também despedida”.

Milton Nascimento & Fernando Brant, 1985.

Os sinistros de trânsito, terminologia explanada anteriormente e adotada pela ABNT desde 2020, consiste em eventos de trânsito que possam trazer lesões, dano material e prejuízos às partes envolvidas em vias terrestres ou áreas de circulação pública.

A *World Resources Institute* Brasil (WRI Brasil), instituto que atua em mais de 50 países, no desenvolvimento de pesquisas e ações sustentáveis em clima, florestas e cidades, pontua que a adoção do termo sinistros de trânsito era uma reivindicação antiga dos especialistas brasileiros em segurança viária. Ao substituir a terminologia *acidente de trânsito*

por *sinistro de trânsito*, ressalte-se a importância de que esses eventos sejam entendidos como *evitáveis*, pois os fatores de risco e os caminhos para mitigação de danos são conhecidos.

A abordagem do sistema seguro reconhece a segurança no trânsito como resultado das interações de múltiplas variáveis e de “responsabilidade compartilhada por quem usa, projeta, implementa, mantém e fiscaliza o espaço viário” (WRI Brasil, 2021).

A Organização Mundial de Saúde, em relatório publicado em 2017, indicou que sinistros de trânsito levam a óbito aproximadamente 1,25 milhão de pessoas todos os anos, superando mortes oriundas de doenças cardíacas, câncer de pulmão, HIV e diabetes mellitus, sendo a nona causa de morte no mundo. No Brasil, mortes no trânsito ocupam o primeiro lugar em causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos de idade. Dados preliminares apresentados em 2021 pelo Ministério da Saúde, apontaram que óbitos por causas externas, utilizando o grupo de acidentes de transporte (V01-V99) do Código Internacional de Doenças (CID-10), somaram 32.652 óbitos.

Em 2015, o IPEA publicou relatório sobre sinistros de trânsito nas rodovias federais brasileiras, apontando que quanto a mortalidade por tipo de acidente, as colisões frontais são responsáveis por 33,7% (40,4 pessoas a cada cem acidentes) das mortes e atropelamentos representam 14,6% (29,1 pessoas a cada cem acidentes). Colisão com bicicletas, apesar de menos frequentes, apresentam o terceiro lugar no índice de letalidade: 15,4 mortes a cada cem acidentes.

Em relação ao local dos sinistros, 89,71% das colisões frontais ocorreram em pistas simples, ocasionando 93,91% de mortes nesse tipo de sinistro; enquanto 71,73% dos atropelamentos de pessoas ocorreram em trechos urbanos, ocasionando 58,47% das mortes. O período de plena noite concentrou 63,12% das mortes por esse tipo de sinistro.

Souza & Minayo (2014), com foco em ações de prevenção desses acidentes, identificaram como causas de sinistros o cansaço, sono, distância insuficiente do veículo dianteiro, impunidade, fiscalização insuficiente ou corrupta e sem caráter educativo da legislação e uso do veículo como demonstração de poder e virilidade. As principais causas de sinistro de trânsito apontadas pelo IPEA (2015) foram reduzidas a velocidade incompatível, ultrapassagem indevida, falta de atenção e ingestão de álcool.

A direção de veículos sob ingestão de álcool aumenta drasticamente o risco de acidentes e ferimentos graves. No Brasil, a Lei Federal nº 11.705, popularmente conhecida como “Lei Seca”, foi criada em 2008 com o objetivo de reduzir o número de acidentes causados por motoristas embriagados. Em 2012, por meio da Lei nº 12.760, passou a ser proibida a direção sob a influência de qualquer concentração de álcool, visto que o consumo afeta a capacidade de reação, a percepção e a capacidade de tomar decisões.

Souza & Minayo (2014) apontam como custos intangíveis dos sinistros de trânsito:

A diminuição da qualidade de vida daqueles que sobrevivem e das famílias que perdem um de seus membros, frequentemente, seu principal provedor; os anos potenciais de vida perdidos; o alto custo social e de reabilitação das vítimas que em muitos casos ficam com sequelas temporárias ou permanentes; e, não menos importante, a perda de dias de trabalho, pois o maior percentual de vítimas encontra-se entre a população economicamente ativa (SOUZA & MINAYO, 2014. p.13).

Dados como esses evidenciam a importância de campanhas educativas para conscientização de motoristas e ampliam a discussão sobre sinistros de trânsito como uma questão de saúde mental. Sendo fator a ser considerado no que leva ao acontecimento de sinistros e os impactos psicológicos após esses eventos que podem, inclusive, levar a impactos na capacidade laboral dos afetados.

Os países de baixa e média renda são responsáveis por 90% das mortes em sinistros de trânsito, ainda que detenham apenas 54% dos veículos do mundo. Esses dados justificam a inclusão pela Organização Mundial de Saúde (OMS), Organização das Nações Unidas (ONU) e a Cruz Vermelha, do trânsito no pacote de crises humanitárias globais, junto ao surto do vírus *Ébola* e a questão das pessoas em situação de refúgio.

Em 2021, a OMS lançou em Genebra a *Década de Ação pela Segurança no Trânsito 2021-2030*, com o ambicioso objetivo de reduzir em 50% as mortes e lesões de trânsito. Nesse sentido, a segurança no trânsito não deve ser considerada isolada, mas um componente integrado a outras agendas sociais:

Agenda de 2030 indica o reconhecimento universal de que mortes e lesões decorrentes de sinistros de trânsito, atualmente, estão entre as ameaças mais graves ao desenvolvimento sustentável dos países. Isso significa que a segurança no trânsito não pode ser comprometida ou negociada para atender outras necessidades sociais (OMS, 2021).

Nesse contexto, os pilares de segurança previstos pela OMS são: usuário seguro, veículo seguro, via segura e resposta efetiva pós-sinistro, sendo cada um deles relacionado com a legislação, fiscalização, instrução, tecnologia e suporte regulatório internacional. O olhar da OMS para essa temática enfatiza a importância em produzir conhecimento sobre o tema no que se refere a prevenção e diminuição de riscos, mas também em estratégias de cuidado para famílias que vivem os impactos dos sinistros de trânsito (lesões e morte).

Visando subsidiar os conhecimentos sobre esta área com publicações brasileiras sobre o tema, esta autora fez um levantamento de artigos na base de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) nos meses de setembro, outubro e novembro de 2020, utilizando inicialmente as palavras-chave “Luto” e “Acidente rodoviário”. Apenas 1 artigo foi encontrado.

A seguir, foram utilizadas as palavras-chave “morte” e “acidente rodoviário”, obtendo 47 artigos, incluindo o artigo da busca anterior. A partir da leitura dos títulos, foram descartados 22 artigos por estarem duplicados, publicados em periódicos estrangeiros e em idioma que não fosse o português; pela leitura de título e resumo, foram descartados 6 que não possuíam conexão com o tema proposto. Restaram 19 artigos para esta análise de produção científica. Desses 19 artigos, em relação à área de conhecimento dos autores, dos 73 autores analisados, foi possível identificar 13 áreas diferentes, sendo 23 autores da área de Saúde Pública, seguidos de Enfermagem, 20; Demografia, 6; Epidemiologia, Perícia Forense e Saúde Coletiva, 5; Avaliação em Saúde e Odontologia, 2; Estatística, Medicina, Psicologia, Saúde do Trabalhador e Medicina Veterinária apresentaram 1 artigo cada, evidenciando a necessidade de o campo da Psicologia contribuir com sua produção científica no tema.

A partir da leitura dos resumos dos 19 artigos selecionados, buscaram-se semelhanças entre os resultados. De 19 artigos: 9 mencionam a prevalência do sexo masculino em acidente de transporte terrestre, 4 apontam faixa etária menor que 40 anos e 2 indicam população preta ou parda. Outros 4 apontam motocicletas como veículo utilizado pelas vítimas. Idosos como vítimas predominantes em atropelamento foram descritos por 2 artigos.

Como mencionado acima, os sinistros de trânsito, apresentam maior incidência e letalidade em pessoas de baixa renda, mesmo quando em países considerados ricos. No Brasil, os sinistros de trânsito vitimam em sua maioria homens negros e periféricos. Cabe refletir, a

partir do pensamento de Butler (2019), quais são as vidas passíveis de luto em situações violentas e precárias, tais como algumas mortes em guerras (a depender de que lado estava o morto e sua cultura) e demais situações em que raça, gênero e condição social se estabelecem:

[...] uma vida que não é digna de luto, ela não é bem uma vida; ela não se qualifica como uma vida e não é digna de nota. A vida já está desenterrada, se é que pode vir a ser enterrada. (BUTLER, 2019, p.55)

Nesse sentido, a autora pontua o caráter humanizador que as narrativas possuem ao reproduzir a cena e estabelecer o humano passível de luto. Ser digno de nota se inscreve quanto à validação de sua morte, assim tornando possível o luto. Butler (2020) acrescenta que:

É exatamente porque um ser vivo pode morrer que é necessário cuidar dele para que possa viver. Apenas em condições nas quais a perda tem importância o valor da vida aparece efetivamente. Portanto, a possibilidade de ser enlutada é um pressuposto para que toda vida importe. [...] Sem a condição de ser enlutada, não há vida, ou, melhor dizendo, há algo que está vivo, mas que é diferente de uma vida. (BUTLER, 2020, p. 32-33).

A filósofa pontua ainda que, como seres sociais, trabalha-se em meio a interpretações sociais elaboradas, tanto ao sentir horror como a não o sentir. A comoção nunca é somente individual, mas transmitida de outro lugar e depende de apoios sociais para o sentir. Só desafiando a mídia dominante é que se pode tornar visíveis ou reconhecíveis determinados tipos de vida precária (BUTLER, 2020).

Nesse sentido, escrever sobre o luto por morte violenta apresenta-se como possibilidade de inscrever a perda no real, tornar público e expressar pesar.

3. A ESCRITA COMO UM FAROL NA NEBLINA

*Trancar aqui dentro as palavras
Calando e querendo dizer*

*Não sei se o poema é bonito
Mas sei que preciso escrever*

Para algumas pessoas, embora desejem fazê-lo, pode ser difícil narrar o estado do corpo do falecido e o cenário do sinistro. Difícil conviver com essa realidade, narrar os fatos e, para muitos, difícil ouvir. Não raro, enlutados relatam a dificuldade de encontrar espaço na família e sociedade para contar e recontar suas histórias de perda, vivendo o processo de maneira solitária e buscando outras formas de expressão do luto.

O luto é uma quebra na continuidade da linha do tempo, podendo levar o enlutado a se sentir desconectado de suas rotinas e dos acontecimentos ao seu redor. É comum também que as pessoas em luto sintam estar vivendo dentro de um vácuo temporal. Uma experiência de desabrigo, afinal, o mundo parece continuar acontecendo normalmente para os outros.

A escrita pode proporcionar uma experiência de abrigo para o luto, oferecendo uma forma de lidar com as emoções profundas e complexas que assolam a existência diante da perda. Por meio da escrita um mundo seguro e sem julgamentos pode ser criado.

Estudiosos de diferentes áreas do conhecimento apresentam a escrita como possibilidade de se inscrever no mundo.

Influenciado por Heidegger, Hans-Georg Gadamer foi um dos mais importantes filósofos da hermenêutica centrada na compreensão de textos. Em sua obra "Verdade e Método" (1960) apresenta uma abordagem filosófica da compreensão e interpretação da realidade, questões como a compreensão da linguagem e a relação entre o passado e o presente, Gadamer defende que a compreensão é uma atividade interativa entre o intérprete e o texto. Para o filósofo, a escrita não é apenas uma forma de registro, mas também uma forma de organizar e refinar o nosso pensamento. Aponta, ainda, que os textos sempre fazem falar a um todo: na interpretação da escrita, os traços sem sentido, se mostram compreensíveis:

A escrita não é um simples acaso ou uma mera adição que não altera qualitativamente nada no progresso da tradição oral. É claro que também sem escrita pode dar-se uma vontade de sobrevivência, de permanência. Mas somente a tradição escrita pode ir mais além da mera permanência de resíduos de uma vida passada, a partir dos quais é possível à existência (Dasein) reconstruir outra existência. (GADAMER, (1960 [1997], p.570)

Cyrulnik (2006) apresenta um meio de iluminar a neblina provocada por um trauma: o relato. Por meio dele, um sentido poderia ser construído desembaralhando as informações e possibilitando ao traumatizado se movimentar, colocando os acontecimentos para fora de si e

situando-os no tempo. Postula ainda que a lembrança resiliente constitui-se em fazer algo do passado, um projeto. Apoiar-se em Aubert (2001, p.224) para ressaltar que “Escrever é um modo de se confrontar com a ausência do objeto, e a energia de todo projeto criador brota da fonte do trauma.” A narrativa torna-se, então, um trabalho de atribuição de sentido. (CYRULNIK,2006). Para Rynearson (2001, p. 87) o sentido não cria um fim para a narrativa da morte violenta, mas começa uma narrativa de vida contínua que a inclui.

Cabral (2018) utiliza-se de cartas para percorrer as geografias existenciais do luto – fenômeno que descreve como paralisador do movimento expansivo da existência. Para ele, escrever cartas pode ser um excelente mecanismo de retomada criadora de si mesmo. Escrever sobre a relação com o falecido configura a possibilidade de ressignificá-lo, se diferenciar, se despedir de si mesmo e ser-outro. “Escrever, nesse caso, é caminho para reinscrever a mim mesmo na existência” (CABRAL, 2018, p.30).

No âmbito dos relatos pessoais, Chimamanda Ngozi Adichie (2021), autora e feminista nigeriana, publicou o livro “Notas sobre o luto”, em memória de seu pai, James Nwoye Adichie, falecido em 10 de Junho de 2020. A autora reconta o doloroso caminho de perder o pai, de maneira súbita por complicações de saúde derivadas da Covid-19. A notícia veio por meio do Zoom (ferramenta eletrônica para reuniões por vídeo), que lhe possibilitou ver a imagem do pai morto. Descreve o amargo caminho de aprendizado que o luto lhe proporcionou e a incredulidade diante da realidade da morte: “O luto é uma forma cruel de aprendizado. Aprende quanto do luto tem a ver com as palavras, com a derrota das palavras e com a busca das palavras” (ADICHIE, 2021 p.14).

Adichie (2021, p. 21) apresenta ainda uma tradição da cultura nigeriana de a família deixar na porta de casa um caderno, sobre uma mesa revestida de um pedaço de renda branca, para que as pessoas nele escrevam sobre o luto. Ela pensa: “*Voltem para casa! Por que estão indo à nossa casa escrever nesse caderno surreal? Como ousam tornar isso verdade?*”. Escrever tornaria real esse evento surreal, mas é por meio da escrita que reconta a história do vínculo, torna palavra a dor sem contorno, se encontra e se reencontra nas memórias. Encara e escancara a realidade da perda e reafirma a importância do pai em sua vida.

A psicoterapeuta, palestrante e ativista do luto, Megan Devine, autora norte-americana do *best-seller* “Tudo bem não estar tudo bem: vivendo o luto e a perda em um mundo que não aceita sofrimento” e da obra ainda sem tradução para o português “*How to carry what can't be*

fixed: A Journal for Grief”, apresenta a escrita como possibilidade de expressão em seus livros, redes sociais e encontros grupais de escrita para enlutados. Embora defenda a expressão criativa do luto, Devine (2021) pontua:

Criar algo bom a partir da perda não é uma troca nem uma cura. A dor não é redimida pela arte. Criar algo a partir do que aconteceu não é uma troca justa pela impossibilidade de continuar a viver como antes. Não existe troca justa. Não importa o que você possa criar na sua dor ou a partir da sua dor, não importa quão lindo e útil seja, isso jamais apagará sua perda. Ser criativo não resolve nada. A arte não pretende “consertar” nada. (DEVINE, 2021, p.152)

Mezan (1998) aponta que a depender da natureza e intensidade do sofrimento, a criação de uma obra pode não bastar para esgotá-lo, necessitando de outras obras ou “se manter tão forte e parecer tão insuportável que o artista se veja conduzido ao desespero- o qual é fracasso, não da arte, mas da vida” (MEZAN, 1998. p. 113).

Por que, então, escrever o luto? Para Devine, “quando separamos o processo criativo de uma necessidade de resolver ou consertar coisas, ele se torna um aliado” (DEVINE, 2021, p 152). Ainda que não possa mudar a dor, as práticas criativas podem ser um modo de suportar o luto e reduzir o sofrimento. Em um de seus cursos de escrita para pessoas enlutadas, uma das participantes escreveu sobre a morte de seu irmão:

Escrever pode não consertar o luto, mas talvez tenha me dado a ferramenta mais importante que possuo para viver com ele: um meio de expressar a agonia que carreguei durante 15 anos e um grupo de almas ferozes e lindas que não somente respeitam essa expressão como não têm medo dela. Por extensão, não têm medo de mim. [...] Escrever sobre o meu luto me deu esse jeito de atravessar. Uma ferramenta para atravessar. A cura aconteceu aqui. O fato de que, não importa o quão pesada minhas palavras sejam, elas nunca, jamais, viram as costas para mim, é um tremendo presente. (GRACE in DEVINE, 2021, p.157-158)

Desse modo, pensar a escrita como possibilidade de expressão e suporte resiliente que consiste em formar um laço com a figura perdida, caminhando em direção à noção de vínculos contínuos proposta por Klass, Silverman & Nickman (1996) como uma nova maneira de relacionamento com o falecido, permitindo um vínculo de uma natureza contínuo perdurará, de diferentes maneiras e em graus variados, por toda sua vida. Esta compreensão sobre os vínculos

contínuos enxerga como normal, saudável e importante a continuidade dos laços com os entes queridos falecidos, a partir da compreensão da realidade da perda.

O psicólogo social James Pennebaker tem realizado pesquisas desde os anos 1980 acerca dos impactos positivos do uso da escrita expressiva para enfrentamento de eventos emocionais significativos. Foram apresentados efeitos biológicos, no sistema imunológico, marcadores de saúde, indicadores psicológicos de estresse, mudança de humor e comportamento utilizando a escrita expressiva para entrar em contato com os sentimentos por vinte minutos por três ou quatro dias. (PENNEBAKER & EVANS, 2014).

Considerando o exposto, é possível dizer que o reengajamento, muitas vezes dificultado pelo contexto da morte, e a impossibilidade de a rede de apoio suportar o relato, dificultando a exposição e processamento da narrativa, podem apresentar um obstáculo na moderação da angústia. Neste sentido, a escrita, como expressão criativa, visa não a cura ou esquecimento, mas possibilidade de travessia, construção ou atribuição de sentido e manutenção de vínculos. Compartilhar por meio digital com uma comunidade na qual o enlutado se sente representado e acolhido oferece-lhe a possibilidade de um estar-com, sentido como verdadeiro e real, possibilitando-lhe o revisitar, o reintegrar e o reconectar.

Assim sendo, mantém-se a importância de se pesquisar a expressão escrita do luto, para além da literatura geral e com foco no contexto específico no luto por morte em sinistro de trânsito, fazendo uso da expressão no ambiente virtual.

4.1 ESCRITA COMO ABRIGO NO CIBERESPAÇO

Para Levy (1999, p.93) “ciberespaço é um espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. Em outras palavras, é um ambiente de interação onde as pessoas podem trocar informações, conhecer novos lugares e pessoas, fazer negócios, compartilhar opiniões, e um meio cada vez mais importante para a comunicação, a educação e a economia por meio de tecnologia.

A rede social *online Facebook*, criada em 2004, tem como objetivo conectar pessoas, compartilhar conteúdo, jogar jogos, publicar anúncios e muito mais. Segundo pesquisa da *We are social* e da *Hootsuite* citadas por Martins (2022), embora tenha apresentado diminuição de

usuários em relação a rede social *Instagram* (122 milhões de usuários), em 2022 a plataforma apresentou o expressivo número de 116 milhões de usuários brasileiros registrados.

A escolha pelo uso da rede social *Facebook* na presente pesquisa, ancora-se no fato de que as *Comunidades* no *Facebook* possibilitam a reunião *online* de grupos para discutir um assunto, *hobby* ou interesse em comum. Segundo Levy (1999):

Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais. Para aqueles que não as praticaram, esclarecemos que, longe de serem frias, as relações online não excluem as emoções fortes. Além disso, nem a responsabilidade individual nem a opinião pública e seu julgamento desaparecem no ciberespaço. Enfim, é raro que a comunicação por meio de redes de computadores substitua pura e simplesmente os encontros físicos: na maior parte do tempo, é um complemento ou um adicional. (LEVY, 1999, p.128)

As comunidades virtuais são reais, mas elas existem dentro do universo virtual. Essas comunidades são formadas por pessoas de diferentes partes do mundo que se reúnem para compartilhar interesses, ideias e experiências. Embora não sejam reais no sentido físico, as comunidades virtuais são reais porque as pessoas que as formam são reais e a interação entre elas é, também, real.

Essas comunidades podem ser criadas por qualquer usuário do *Facebook*, e as pessoas que se juntam a elas podem compartilhar conteúdo, postar mensagens e interagir com outros membros. Algumas comunidades no *Facebook* são abertas ao público, mas outras exigem que os usuários sejam aprovados antes de serem adicionados.

O *Facebook* permite que usuários expressem suas identidades e conhecimentos, além de estabelecer relações com outras pessoas. Os usuários podem estabelecer ligações com outras pessoas de forma significativa e validar suas experiências pessoais através da interação com outros usuários. Além disso, ao usar os símbolos das redes sociais, os usuários são capazes de compartilhar significados com outras pessoas e criar um sentido de coesão e comunidade.

Escrever no *Facebook* é uma forma eficaz de compartilhar informações, contar histórias, expor ideias e estabelecer conexões com outras pessoas. É uma plataforma poderosa para se comunicar com o mundo e construir relacionamentos com outros usuários. Uma forma de abrigar-se com o outro, de onde quer que ele esteja, tendo como laço um interesse em comum podendo oferecer um espaço de pertencimento, segurança e afeto.

4.2 Netnografia: pesquisa em ambiente virtual

Toda forma de etnografia é uma combinação de múltiplos métodos, tais como entrevistas criativas, análise de discurso, análise visual e observações. A netnografia segue seis passos da etnografia: planejamento do estudo, entrada, coleta de dados, interpretação, garantia de padrões éticos e representação da pesquisa.

A netnografia é pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo online. Ela usa comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal. (KOZINETS, 2014, p. 60)

Levando para as possibilidades de expressão escrita do luto no ciberespaço, em um levantamento realizado por esta pesquisadora na BVS em novembro de 2022 sobre artigos publicados entre os anos de 2017 e 2022 com as palavras-chave “luto e netnografia” não foram encontradas publicações. Ao buscar por “luto e etnografia” nos mesmos critérios descritos, foram encontradas 4 publicações sendo 2 no idioma inglês, uma publicação sobre abordagem antropológica do luto por morte do cônjuge (SOUZA, 2017) e um sobre metaetnografia por avós, sobre a perda de netos com condições limitantes da vida (TATTERNON & WALSHE, 2019). Em português, duas publicações foram encontradas: um relato de experiência de observação participante nas festividades do Dia dos Mortos (GUEDES, ANDERY & COMARU, 2021) e, uma publicação apenas que versa sobre a expressão do luto na *internet* a partir do adoecimento e morte de um cônjuge. (FRIZZO et al, 2017).

Em 30 relatos coletados da rede social *Instagram*, escritos por mães que vivenciaram o luto perinatal, Ramos & Kohlsdorf (2020) demonstram a possibilidade de realizar pesquisa no campo virtual e analisar conteúdo desses relatos, promover discussões sobre a vivência do luto, mapear fatores de risco e proteção apresentados e focalizar a necessidade de políticas públicas para essa temática.

A netnografia foi apontada como possibilidade de pesquisa no contexto da pandemia de COVID-19 por Frossard, Aguiar e Fontes (2020). As autoras buscaram responder como as comunidades de cuidados paliativos formados no *LinkedIn* mantiveram interações acerca do luto no contexto brasileiro durante a pandemia provocada pela COVID-19. Por meio de categorização e análise de núcleos temáticos, os resultados apontaram para o sentimento de “reféns de uma guerra”, evidenciando não apenas o medo da morte, mas a constatação da

fragilidade humana frente às constatações de políticas que focavam em gerir as valas e não em salvar vidas.

Martins (2019) aponta que, no campo de pesquisa netnográfica, o pesquisador ocupa dois espaços ao mesmo tempo: o real e o virtual. Diferente da pesquisa etnográfica (em que há uma preparação para a viagem e imersão no campo de pesquisa), na pesquisa netnográfica o campo está há um clique de distância; a facilidade de inserção e saída do campo de pesquisa virtual pode fazer com que o campo transborde para a vida pessoal e vice-versa, e que a fase de coleta se torne mais extensa do que o necessário.

No campo de pesquisa virtual também é possível que o pesquisador aponte suas impressões sobre a observação dos fenômenos por meio de um *diário de bordo*. Essas impressões contribuem para uma visão ampliada da experiência e será apresentada nos resultados.

A expressão real em campo virtual é passível de ser estudada, compreendida e entendida como uma possibilidade de habitar o mundo e ser-com-os-outros. Para isso, será explicitado a seguir, como a pesquisa em ambiente virtual se configura.

5.OBJETIVOS

5.1 Objetivo geral

Analisar escritos endereçados a pessoas falecidas por morte violenta em sinistro de trânsito compartilhados da rede social *Facebook*.

5.2 Objetivos específicos

Apresentar e analisar escritos de enlutados no ciberespaço, como possibilidade de manutenção do vínculo com a pessoa falecida.

Considerar a expressão do luto em uma comunidade, como construção de apoio mútuo.

Considerar possibilidades do ciberespaço como campo de pesquisa etnográfica para a temática do luto.

6. MÉTODO

Trata-se de um estudo documental de abordagem qualitativa, de cunho netnográfico à luz da interpretação hermenêutica.

6.1 Procedimento:

As etapas da pesquisa netnográfica realizadas na presente pesquisa estão apresentadas na Tabela 1:

Tabela 1 – Etapas da pesquisa netnográfica.

ETAPAS DA PESQUISA NETNOGRÁFICA	
Primeira etapa Definição das questões de pesquisa, websites sociais ou tópicos a investigar	Luto por Morte em sinistro de trânsito no <i>Facebook</i>
Segunda etapa Identificação e seleção de comunidade	Comunidade Não foi acidente no <i>Facebook</i>
Terceira etapa Observação participante da comunidade (envolvimento, imersão) e coleta de dados (garantir procedimentos éticos)	Foram coletadas 14 postagens realizadas entre novembro e dezembro de 2022 mediante autorização do organizador da comunidade virtual.
Quarta etapa Análise de dados e interpretação iterativa de resultados	As 14 postagens e as impressões sobre os comentários realizados nas postagens foram analisadas por meio da <i>Interpretação Hermenêutica</i> .
Quinta etapa Redação, apresentação e relato dos resultados de pesquisa e/ou implicações teóricas e/ou práticas	Apresentados em Interpretação dos dados

Tabela adaptada pela autora, sobre as etapas de pesquisa netnográfica proposta por Kozinets, 2014.

6.2 Sobre a coleta e o coletado:

Considerando que o foco da presente pesquisa versa sobre o luto por morte em sinistro de trânsito, foi escolhida a comunidade “*Não foi acidente*” da rede social *Facebook*. Criada em 2011, a comunidade versa sobre conteúdos relacionados a sinistros de trânsito, tais como: notícias de sinistros, imagens, vídeos, acompanhamento de processos jurídicos e postagens endereçadas a falecidos. Dados como razão da postagem, tempo decorrido desde a morte, tipo de vinculação foram analisados especificamente quando mencionados na postagem, não tendo sido, portanto, critérios de inclusão ou exclusão.

Segundo Kozinets (2014), para fins de ética em pesquisa, é possível considerar o uso de alguns tipos e interações culturais mediadas por computador como semelhantes à utilização de textos. Preservando a identidade dos comunicadores e obtendo acesso de maneira fácil e legal a essas comunicações, a análise de comunicações de comunidades ou culturas *online* ou seus arquivos não é pesquisa com seres humanos, portanto, é isenta de submissão ao comitê de ética; porém, considerando que há um ser humano que escreve as postagens no grupo, foi obtida autorização do organizador da página *Não foi acidente* (ANEXO 1).

Foram coletadas 14 postagens realizadas entre novembro e dezembro de 2022. Embora, tendo sido em um curto espaço de tempo, a imersão na comunidade aconteceu de maneira intensa, visto que para coletar os dados não há possibilidade de filtrar tipo de postagem desejada, fazendo-se necessária a leitura prévia de postagens de natureza informativa e jurídica, vídeos e fotos de sinistros e, algumas postagens com conteúdo sensível tal como fragmentos de imagens de vítimas e falecidos.

6.3 Sobre a análise:

As 14 postagens analisadas apresentaram escritos que, por meio de análise de conteúdo, segundo Bardin (2009) que consiste em uma técnica de análise de dados que enfatiza a descrição, a interpretação e a compreensão do conteúdo de um determinado material. O processo de análise de conteúdo envolve a organização e a codificação dos dados a serem analisados, em seguida, a análise do significado desses dados para identificar padrões e tendências. Uma das principais características da proposta de análise da autora é que ele se concentra na análise das palavras e frases, e não dos conceitos. Isso significa que diferentes palavras e frases usadas para descrever um determinado assunto podem ser facilmente identificadas e quantificadas. Além disso, esta técnica promove uma abordagem qualitativa na análise de dados, pois também leva em consideração as intenções subjacentes e os sentimentos expressos nos dados. São divididas em três etapas:

1. Pré-análise: nesta etapa, o analista precisa examinar o conteúdo do texto para entender o contexto e o que está sendo dito. Isso também inclui o levantamento de possíveis temas ou categorias que possam ser relevantes para o estudo.

2. Análise: nessa etapa, o analista usa técnicas de análise para identificar os elementos do conteúdo do texto. Isso inclui a identificação de palavras-chave, frases e metáforas que possam ser relevantes para o tema ou categoria em questão.

3. Interpretação: aqui, o analista procura entender o significado do texto e as implicações para o assunto em questão. Isso inclui a investigação de possíveis interpretações que possam surgir a partir do conteúdo.

Assim, as categorias emergentes foram obtidas por meio de pré-análise, seguida por exploração do material, categorização ou decodificação, e tratamento dos resultados, inferência e interpretação, permitindo sua compreensão e análise.

As análises possibilitaram a construção de categorias, expressas inicialmente como: saudade; data especial (aniversário do falecido, tempo de morte e dia em memória de vítimas de sinistros de trânsito); rememoração do falecido e nível de parentesco; uso de álcool e irresponsabilidade do condutor do causador do sinistro que levou à óbito; permanência do amor; diferença na percepção do tempo e desesperança. *Leituras posteriores demonstram a necessidade de agrupar os conteúdos que apresentavam íntima relação sendo nomeados, por fim, como: Ausência presente (saudade e permanência do amor); Temporalidade (datas especiais e percepção do tempo); Historicidade (rememoração); Revés do parto (nível de parentesco); Existência embriagada (uso de álcool e irresponsabilidade) e Desesperança.*

Alguns extratos das publicações são apresentados nas categorias, com objetivo de exemplificar a análise.

6.4 Sobre a interpretação dos dados:

Considerando que a pesquisa recorreu à interpretação dos fenômenos realizando aproximações teóricas da experiência do luto, os dados obtidos foram analisados por meio da *interpretação hermenêutica*. Cabe ressaltar que o pensamento hermenêutico - busca pela interpretação dos textos e sentido das palavras - aqui proposto, advém dos construtos presentes no pensamento de Husserl, Heidegger e Gadamer. Esses filósofos enfatizam a importância da compreensão do significado dos textos. Heidegger enfatiza a importância de compreender o contexto histórico no qual os textos foram escritos e como isso pode afetar a interpretação deles.

Ele também acredita que a hermenêutica deve buscar entender a essência do que é significado pelo texto. Husserl defende que a hermenêutica deve se concentrar na compreensão dos autores de textos e de como eles se relacionam com o leitor. Ele também destaca a importância de considerar a relação entre o que é dito e o que é significado. Gadamer acredita que a hermenêutica deve ser baseada na compreensão do leitor e não do autor. Ele argumenta que a hermenêutica deve se concentrar na compreensão do significado e não apenas na literalidade do texto. Ele também enfatiza a importância de considerar a influência do contexto histórico e cultural na interpretação.

Nesse sentido, objetiva buscar explicações sobre o que se visou comunicar na postagem realizada, o motivo de ser postada naquela comunidade específica e o que foi comunicado para além do escrito. As postagens coletadas permitiram uma organização e, a fim de facilitar a classificação, receberam os seguintes rótulos:

- O que se visou comunicar na postagem realizada: *Conteúdo das postagens*
- Por que foi postada naquela comunidade específica: *Intencionalidade para escrever na comunidade específica*
- O que foi comunicado para além do escrito: *Escrito nas entrelinhas.*

7. INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

*“Por muito tempo achei que a ausência é falta.
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência.
A ausência é um estar em mim [...]”.*

Carlos Drummond de Andrade, 1989.

Conforme mencionado, o conteúdo das postagens foi previamente classificado em categorias, as quais serão apresentadas e interpretadas neste item.

7.1 CONTEÚDOS DAS POSTAGENS

7.1.2. Ausência presente

Neste subitem analisou-se os conteúdos agrupados relacionados a saudade e permanência do amor. Os recortes abaixo demonstram a consciência da morte e continuidade do amor, como apontado na ideia de vínculos contínuos de Silverman e Klass (1996). Franco (2021) afirma que a condição necessária para manter a relação com a pessoa falecida é a consciência que a morte se deu e que a presença não é a mesma como antes do falecimento, dessa forma, o vínculo não impede a adaptação à perda.

“[...] Você continua sendo tudo pra mim. Nada mudou. Nosso amor nunca vai mudar”.

“[...] Vc minha filha amada e meu amor incondicional vc sempre vai está em meu pensamento na minha vida jamais vai ser esquecida te amo tanto”.

“[...] E para hoje saudade gigante e inexplicável saudade Coração apertado Lágrimas... sim, porque a saudade é tão grande que transborda através das lágrimas Gratidão Obrigada Deus por ter nos permitido viver tão intensamente e assim criar tantas lindas memórias que não caberiam aqui se eu tentasse colocar em palavras ou colocar em fotos”.

Saudade é a ausência presente que aponta que o que foi perdido era (é) valioso.

7.1.3. Temporalidade

A percepção do tempo e as datas especiais são descritas conjuntamente aqui como Temporalidade. Para Heidegger (2001) o tempo-relógio é sempre datado. Como seres inscritos no tempo desde o início, é possível ser invadido por recordações de forma tão intensa que as possibilidades do mundo se estreitam, mas como também desde início lançados para o futuro é que movimenta-se nos sentidos.

“[...]Hoje seria um dia de festa aqui, com muita música e muitas risadas.”

Retomemos a ideia de luto como processo dinâmico proposto Stroebe & Schut (1999), para abarcar a possibilidade de experimentar o luto agudo. Como processo oscilatório, ou olhado como experiência puramente humana, as datas especiais evocam memórias e fazem a ausência presente. A falta toma espaço novamente, não que o enlutado as tivesse esquecido, mas experimenta de maneira aguda a rememoração. Junto aos sentimentos de saudade e impossibilidade de viver o momento presente, há também a presença da ausência da possibilidade de futuro e, conseqüentemente, de vivenciar novos momentos e novas memórias; são evocadas também as memórias em relação aos processos que podem estar em andamento, bem como projeções sobre como os responsáveis pelo óbito podem estar vivenciando as datas.

“Um ano sem você. Hoje, me faltam palavras. Sou só sentimentos... e um desejo enorme de te espiar por pelo menos um minuto para poder aguentar até o nosso reencontro.”

Barbosa (2010) pontua que no luto integrado não se esquece a pessoa e nem deixa de sentir sua falta. Outras atividades passam a ocupar progressivamente a vida do enlutado, mas

há picos de recordações em datas especiais. Nomeadas por Cassorla (1986) como reações de aniversário, essas datas são experimentadas de maneira aguda a depender da história de cada enlutado. Nesse sentido, Lois Tonkin (1996) versa sobre a ideia de crescimento em torno da dor, ou seja, não é que a dor se torna pequena, mas o espaço para outras experiências e vínculos é expandido. Salienta que aniversários e outros momentos que lembram a pessoa falecida são sentidos intensamente e esse espaço se contrai. Rynearson (2001), elucida que o trauma da morte violenta continua recorrente apesar do tempo configurando uma experiência de agora.

“[...] Nem parece real, parece que ela vai abrir o portão e chegar pra passar as férias”.

“[...] Vou ainda até a porta do quarto dela pra chamar pra ir pra escola, mas me deparo com quarto vazio sem o cheirinho dela isso nunca vai passar.”

7.1.4. Historicidade

Lembrar realisticamente a pessoa falecida é nomeado por Barbosa (2010) como uma das três tarefas do luto proposta pelo autor: revisitar.

“[...] Era uma pessoa maravilhosa, que contagiava todos com sua alegria de viver a vida. Sempre sorrindo, sempre ajudando a todos. Dedicava sua vida ao trabalho, mas principalmente a sua família e amigos.”

Para Rynearson (2001), permitir que o enlutado restaure a presença viva de quem morreu é o primeiro passo para ajudá-la. Ao escrever sobre seu falecido como uma pessoa dotada de história, a comunidade cumpre esse papel. Como postulado por Rynearson, Schut e Stroube (2013) as intervenções em luto por morte violenta possuem três objetivos principais, sendo um deles, a exposição e o processamento reconstrutivo da narrativa do falecido e do luto promovendo coerência e motivação para o reengajamento, revisando o papel do narrador (identidade) dentro da narrativa.

“[...] Tão dedicado, inteligente, responsável, trabalhador, são muitas qualidades para te descrever. Nesse momento todos choram, todos que tiveram o prazer de te conhecer sofrem com sua perda. Aquele menino que desde criança amava ficar brincando [...]”

Assim, narrar a história e se apropriar dela, pode inaugurar a possibilidade de movimento. Abrir espaço para não sedimentar o passado e viver de maneira encurtada, pois *“uma mudança significativa só é possível por um meio diverso de estar na sua história”* (ASSIS, 2018, p.198).

7.1.5 Revés do parto

Nomeou-se esse item a partir dos relatos de perdas dos filhos, parafraseando a música de Chico Buarque (1978), "Pedaço de mim". Uma maneira de validar a dor de perder um filho. Na morte violenta, não só a morte do falecido é trágica, há também um final caótico e inaceitável na vitalidade e identidade de quem conta a história (Frank, 1995; Harvey, 2000; Neimeyer & Levitt, 2000 apud Rynearson 2001). Rynearson apoia-se também em Rosenblatt (2000) para apontar que os pais, e particularmente as mães, podem ter uma resposta prolongada e dolorosa à morte violenta de seu filho, qualquer que seja a idade.

"[...]Tento fazer as coisa que fazíamos juntas mas não dá. Tenho medo de seguir em frente porque sinto que 'tou' traindo vc minha filha. Fazíamos tudo juntas nunca nos separamos pra nada, como posso viver assim nessa angústia nesse mundo onde vc não está mais tudo perdeu a graça brilho animação."

Parkes (2009) endossa a ideia que a morte de um filho é a fonte de pesar mais atormentadora e dolorosa, especialmente no mundo ocidental.

7.1.6 Existência embriagada

É preciso colocar foco no que concerne à existência e não a coisa em si. Sendo o álcool, a coisa, o que está em jogo é quem faz o uso e como o faz. Este uso pode apontar para experiências abertas ou restritivas da existência. Em uma pesquisa realizada por Sodelli e..., os tipos de drogas foram ligadas a temporalidade, sendo o álcool ligado ao passado e uma busca de anestesiamento. Essa ideia está fenomenologicamente a maneira de cuidado de si que o sujeito se ocupa. Em uma perspectiva psicanalítica, Winnicott (1971) propõe que a questão da adicção não é o objeto usado, mas o uso que se faz do objeto. Gurfinkel (2014) discute o tema a partir de Abraham (1908) relacionando alcoolismo e sexualidade, para o autor o álcool aumenta a sensação de capacidade sexual e estimula o complexo de masculinidade, tornando os homens aficionados pelo álcool por proporcionar um estado exaltado de hombridade.

Este olhar não se propõe a encerrar a questão, mas lançar questionamentos quanto ao uso de álcool por homens que como já foi mencionado, são a maioria em envolvimento em sinistros que levam a óbito no trânsito. No momento em que a presente pesquisa foi realizada, tramita o projeto de Lei nº 473/2022 para estabelecer o título de *danoso* os crimes decorrentes de condução de veículo automotor sob a influência de álcool, sob pena de reclusão de 4 a oito anos e suspensão ou proibição de se obter permissão ou habilitação para dirigir veículo

automotor. Justifica-se que o condutor assume o risco de causar dano a si e a outros quando da ingestão de substâncias que comprometam a capacidade psicomotora.

O fragmento de relato abaixo explicita a relevância do tema, bem como os efeitos psicológicos dos enlutados.

“[...] Ele tem o direito de continuar vivendo normal! E direito a vida que ele tirou do meu Filho? E o meu direito de mãe, de poder ver meu filho crescer? E nossos direitos? As leis do Brasil só apoiam quem bebeu, atropelou e matou o inocente, a família que fica com a dor da perda e da saudade, que se vire. A mãe que perde um filho fica como? Cadê a justiça para apoiar estas mães? Isso é revoltante [...]”.

Considera-se importante ressaltar que os sinistros de trânsito, quase sempre são evitáveis. Retornando à questão endereçada aos sujeitos que assumem o risco de dirigir embriagados como uma questão que tem caráter individual do modo como o ser se ocupa de si e de sua liberdade e de uma questão de saúde mental que é gerada. (ZANELLO,2018).

7.1.7 Desesperança

Quando um familiar morre de maneira violenta não resta outra coisa além de testemunhar passivamente uma ação que é difícil de deixar de imaginar, aponta Rynearson, 2001. O trecho citado a seguir denota essa dificuldade:

“[...]Não sei como seguir em frente sem ela comigo cada passo que dou pra frente coração aberta,aí é aquela briga de sentimentos onde eu mesma me questiono se tá certo eu seguir em frente ou pelo menos tentar seguir. Sinto muito falta dela nossa essa é a pior dor do mundo uma dor que não cicatriza fica sangrando sempre.”

Como seguir adiante depois de uma perda é um questionamento legítimo. A familiaridade com o mundo, ou, o mundo presumido foi quebrado, não há vida que volte ao normal. Adaptações em uma vida em que aquela pessoa existia e não existe mais são necessárias para a continuidade da vida. Como os autores Rynearson (2002), Barbosa (2010), Worden (2013),apontam, contexto de morte, rede de apoio, histórico psíquico e rede de apoio são fatores importantes a considerar no processo de luto. Embora não saibamos o histórico psíquico e se a rede de apoio é consistente, temos nessa postagem a presença de dois fatores que podem ser complicadores: contexto de morte e vinculação com a pessoa perdida.

“Essa dor que sinto só aumenta cada dia mais a saudade chega a grita em meu peito tento ser forte mas por dentro estou devastada sem energia sem motivação e só escuridão fui junto com ela nesse dia.”

No trecho acima, a desesperança se apresenta especialmente em “fui junto com ela esse dia”, apesar de apontar para o fato de que sim, o luto pode ser uma experiência transformadora, leva ao entendimento de fechamento das possibilidades de existência. O caráter originário do ser para a morte se configura como ameaça e a esperança perdeu espaço. Sobre esperança, destaco o pensamento de HOLZHEY-KUNZ, 2018, nesse trecho:

Nós nos ligamos com o que está por vir com esperança ou temor, porque não sabemos o que o futuro trará. Precisamente porque não temos qualquer certeza em relação a isso, o futuro pode se tornar o grande plano de projeção para nossos desejos que permaneceram até aqui irrealizados. Nós podemos fantasiá-lo como aquele período de tempo, no qual a grande felicidade espera por nós. Essa esperança ajuda muitos homens a suportar um presente difícil. O futuro é ao mesmo tempo aquele tempo, que está aberto para a própria influência e configuração. O fato de ainda termos um futuro também significa sempre, que ainda temos a chance de realizar efetivamente planos próprios. Isto também é ocasião para esperança e temor, pois ninguém pode saber, se seu fazer conduz ao sucesso ou se ele fracassará com isto. (HOLZHEY-KUNZ, 2018, p.90)

Nesse sentido, é possível apontar que afeiçoar-se com a possibilidade de futuro é ter esperança.

7.2 INTENCIONALIDADE PARA ESCREVER EM COMUNIDADE ESPECÍFICA

Cyrulnik (2006) enfatiza a importância de o traumatizado receber apoio social para narrar sua história. É por meio desse espaço de abrigo que o relato pode aparecer e inscrever no real a verdade avassaladora da morte. Rynearson (2001) afirma que restaurar a presença viva de quem morreu é uma forma de ajuda porque se cria verdade e significado revisando a narrativa. Como observadora participante do campo virtual de pesquisa, esta pesquisadora registrou sua impressão diante dos comentários nas postagens. Expressões de solidariedade aos comentários sobre a pessoa falecida quando junto a postagem de texto é publicada uma foto, mensagens de força, orações e compartilhando sentimento de injustiça visto que, algumas vezes, estão enfrentando a mesma situação. Comentários nas postagens apontam para o fato de que, ainda que duramente, a vida continua. Novamente, o compartilhamento no ambiente social da narrativa oferece espaço de receber do outro um apoio, pertencimento, entendimento do horror ao ter experimentado a morte de uma pessoa amada de maneira violenta.

Não estar só na própria dor ao mesmo tempo em que compreende que é individual e único o que foi perdido. O outro não sabe o que é ter perdido aquela “sua pessoa”, mas sabe e pontua que sabe o que é ter perdido alguém “daquele jeito”. É importante salientar que a morte violenta representa a perda de um membro da família e que a rede de apoio também se encontra enlutada, isso indica que a capacidade de oferecer apoio aos familiares pode estar reduzida. Rede de apoio impossibilitada de oferecer suporte ou com capacidade reduzida com a presença de pensamentos intrusivos e experiência de agora (Rynearson, 2001), podem colocar o enlutado em sofrimento solitário. Como detalhado no capítulo sobre as especificidades do luto por morte violenta, a “experiência de agora” vivida por enlutados não acompanha o tempo cronológico e o suporte social diminui. Escrever em uma comunidade virtual configura a possibilidade de narrar o luto a qualquer hora, visto que a comunicação é assíncrona, com integrantes que previamente compreendem o teor do horror desse tipo de morte e com a possibilidade de receber suporte. Há outros atravessando esse mar de dor do outro lado da tela. O compartilhamento oferece então um repouso nesse mar chamado luto, ou como Rynearson (2001, p. 14.) diz “se você está indo nadar no oceano, é mais importante se lembrar de boiar do que saber nadar”. No luto, é preciso aprender a boiar e respeitar a própria maré de dor que vem em ondas. Esse movimento, como proposto pelo processo dual do luto (Stroube & Schut, 1999) possibilita enfrentar essa maré respeitando-a e promovendo autonomia.

7.3 ESCRITO NAS ENTRELINHAS

Manter vivas as memórias dos falecidos no contexto da sinistro de trânsito com a presença de saudade e, muitas vezes, de revolta é compreendido claramente a partir da leitura e descrição realizadas no item anterior. Mas, o que será que é comunicado para além do que foi escrito? Nas entrelinhas é possível perceber um grito que inaugura o encontro com a verdade ameaçadora da morte e que se assemelha a um evento que torna o humano um ser *abismal*. O conceito, proposto por Safra (2006, p. 59), configura um dos três grandes modos de ser do homem na atualidade:

1. Bidimensionais – Aparentemente imunes, o sofrimento parece a única chance dessas pessoas de alcançar alguma interioridade.
2. Tridimensionais – Pessoas que tem um modo de ser enraizado na interioridade.
3. Abismais – Pessoas que por questões que as visitaram na infância ou por terem sido atravessadas por acontecimentos na sua história, dizem o inédito. Profundamente

lúcidas, estão continuamente conscientes da condição ontológica do ser humano, o que pode ser complicado a depender do destino que se dá a essa lucidez.

Nesse sentido, o luto, especificamente por meio de uma morte violenta, pode se configurar como um evento que torna as pessoas profundamente lúcidas da verdade ameaçadora da morte e lançá-las em contato constante com o real. O mesmo autor ainda enfatiza que quando um *abismal* não teve contato com um Outro, vive a existência de maneira solitária em uma experiência de estar fora do mundo, mas quando encontra abrigo, pode se apropriar de sua lucidez e projetar um futuro passando a se sentir participante do mundo e sentindo que tem algo a oferecer e receber em decorrência desse encontro (SAFRA, 2006).

Isso aponta para o fato que, para além do comunicado objetivamente, há nas entrelinhas a busca por uma escuta compartilhada que possibilite participar desse mundo em que a verdade da morte está constantemente presente. Holzhey-Kunz (2021) nomeia como *escuta particularmente aguçada* o modo de ser humano que é aberto demais para uma verdade filosófica que é sentida não como verdade, mas como ameaça. Dotados desse escuta aguçada, para a psiquiatria, são aqueles que não conseguem mais fazer o que o saudável faz, portanto, doentes. Por estar involuntariamente lançados à própria sorte por essa verdade, esses seres se encontram sobrecarregados.

A ideia de seres abismais e dotados de escuta aguçada traz uma perspectiva ampliada para a experiência do luto que, sim, sobrecarrega, mas não configura doença. Nas entrelinhas da intencionalidade das postagens está, ainda segundo Holzhey-Kunz (2021), a possibilidade de inscrever testemunho com outros que são, não por escolha mas por encontro com a finitude, dotados dessa capacidade de abrigar o relato do horror e, ao mesmo tempo, retomando o pensamento de Butler (2019/2021), instaurar um obituário que humaniza os mortos e não deixa morrer a revolta, a impunidade e a mensagem de alerta para a irresponsabilidade e os efeitos irreversíveis e dolorosos de perder alguém por um meio, quase sempre, evitável.

8 CONSIDERAÇÕES QUE APONTAM PARA O FUTURO

*“O preto destas letras numa página branca
é tanto uma ausência como uma presença
marcada com um ponto final
uma janela que dá para outra janela”.*

Zilvinas Landzbergas, 2018.

Outro nome para estas considerações seria algo como “*Janelas a debruçar*”, porque sendo tão amplo e complexo o tema proposto, minhas inquietações e necessidades de cuidados específicos para enlutados não se encerram.

As aproximações entre o pensamento heideggeriano e teóricos de luto, se apresentou como uma escolha feliz que de maneira ampla e profunda veio de encontro com o rigor necessário ao se fazer ciência e não se distanciando da experiência humana. Nesse sentido, entendo como objetivo alcançado mas não encerrado em si: as aproximações foram possíveis e apontam para a possibilidade de continuação. Decidir pela pesquisa etnográfica depois de alterações metodológicas no projeto inicial se apresentou como uma grata surpresa. O campo virtual é feito por pessoas, não podemos nos distanciar disso, e possibilita a comunicação e pertencimento entre aqueles que buscam um sentido em comum. Entendo como um campo vasto, riquíssimo e que merece ser aprofundado em demais estudos.

Escrever esse capítulo, parafraseando Zilvinas, é tanto uma presença como uma ausência, ou, citando Milton Nascimento e Fernando Brant, encontro e despedida. Olhar para o horizonte histórico até aqui, tornar palavra e marcar um fim.

Lembro-me de uma das primeiras disciplinas desse programa de pós-graduação, quando Lelê nos convidou a refletir o quanto achávamos que sabíamos sobre o luto. Posso afirmar que encerro esse processo sabendo mais do que acreditava saber naquela ocasião, mas ainda há muito a se saber. E, acredito que é justamente esse manter-se aberto que possibilita que coisas acadêmicas e não acadêmicas tão bonitas aconteçam na minha trajetória.

Ser parte da história do LELu (Laboratório de Estudos e Intervenções sobre o Luto) é uma grande honra, mas mais que isso, se configura com a possibilidade de encontro com um idioma em comum. A sensação de estar entre pessoas que falam a mesma língua, não por concordarem com tudo, mas justamente por ter um olhar ampliado e amoroso sobre a dor da perda. Assim, realizar estágio de docência na disciplina de Morte e Luto na graduação, foi uma experiência que ultrapassou a acadêmica: trouxe a esperança que futuros psicólogos entrem em contato ainda na graduação com teorias que, de fato, proporcionam um cuidado expandido, fundamentado e ético. Essa esperança também tem norteado minha prática docente com os meus alunos porque olhar para o luto é, na verdade, olhar para a vida.

Compartilho abaixo dois escritos desta pesquisadora-enlutada. Estes textos foram publicados junto a fotos na rede social privada da autora no *Instagram*. Retomo, porém, que compartilhá-los aqui não tem a função de endossar a pesquisa, mas de apresentar a humana que pesquisa, vivencia e vez ou outra, compartilha esse vínculo com público restrito.

Escrito 1 - Janeiro de 2020 - Ilha Anchieta, Ubatuba - SP.

“Uma das coisas mais difíceis para quem tem um pé no passado ou está enlutado - ou os dois - é produzir novas memórias. É difícil pensar: Esse momento aqui vai ser uma bela memória daqui a um tempo. Pode parecer impossível registrar novas memórias num mesmo lugar, com o mesmo cheiro, gosto, céu e tudo mais. É como se viver novas coisas pudesse dissolver aqueles momentos ternos do passado. Aqueles momentos com quem partiu. Aquele momento com quem você era e não é mais. Mas não pode dissolver. Memória é uma coisa fabulosa: você compartilha, divide e ela soma. E aí cabe no mesmo lugar aquilo que já foi e aquilo que é agora. Lágrima e sorriso existindo juntos. Hoje a lembrança é desse lugar que eu amo e que um passado, presente e futuro nas minhas memórias.”

Escrito 2 - Outubro de 2021 - Mogi das Cruzes - SP.

Somos feitos dos nossos lutos. Somos feitos dos nossos amores. Uma semana de estudos intensos sobre luto e a vida acontecendo como sempre é: sem pausas. A vida demanda muito da gente e às vezes com maior intensidade. Tô exausta. Passei por um texto que escrevi sobre esse meu luto-amor anos atrás e me lembrei de todo sentido que essa relação traz para a minha vida, meus atendimentos e estudos. Essa primeira foto é do meu aniversário de 15 anos. Ricardo, meu primo, com 19 anos. Aproximadamente 3 anos antes de seu falecimento em um sinistro de trânsito. Fiquei pensando na quantidade de pessoas enlutadas que ouvem: “Você ainda chora?”. Eu choro e dou muitas risadas das histórias que vivemos juntos porque luto é tudo isso. O amor não passa. Sua vida e sua morte compõem a pessoa que eu sou. Estão integrados a mim. E quando me esqueço esse amor me lembra. Somos feitos dos nossos lutos. Essa pessoa, uma das minhas preferidas no mundo, fez e faz eu olhar com cuidado para aqueles que perdem alguém por morte. Dá sentido nas linhas que escrevo, nas leituras que faço, no entendimento de quão impactante é perder alguém por morte violenta. Hoje não é uma data especial. Hoje essa lembrança não veio acompanhada de choro. Hoje veio como uma presença de sentido. Aquilo que religa e revigora. Somos mesmo feitos dos nossos amores. Nesse mar que é o luto, é preciso respeitar a maré. Alguns dias são feitos de calma e tempo firme e outros, de tempestade e mar agitado. Hoje uma onda suave trouxe essa presença-amor aqui para perto para lembrar que luto é outro nome para o amor.”

Safra (2006, p.36) apresenta o modo peculiar de cada pessoa expressar sua singularidade como *idioma pessoal*: “modo peculiar de interpretar seu existir, afetado pelo seu modo de ser, a partir do qual interpreta a existência e empresta às palavras, imagens e atos, uma semântica existencial pessoal”. Há algo no idioma de quem experimenta uma perda traumática que é familiar aos outros que também a vivenciaram. Resguardando aquilo que é próprio de cada ser, indago se não é possível pensar em um *idioma pessoal do enlutado* quando atravessado por um evento que o torna abismal (o luto). Uma pergunta em aberto para o futuro.

Embora eu não tenha escolhido, o luto mudou o destino da minha vida. Viver com o luto me proporcionou e proporciona bons encontros, não sou grata à ele, mas o que pude fazer com isso até agora, é um bálsamo. Um verdadeiro abrigo. Revirei o meu luto muitas

vezes durante esse percurso porque pesquisar luto sendo enlutada requer cuidados especiais e contínuos: terapia pessoal, supervisão de casos clínicos, estudo e, saber distanciar, descansar e decantar.

Assim, espero que essa pesquisa, produto de muito trabalho acadêmico e psíquico, possibilite o entendimento das especificidades do luto por morte violenta e sirva como um farol no caminho para evitar que novos destinos sejam interrompidos.

Ric, this is my message to you: don't worry about a thing.
'Cause every little thing, gonna be alright.

ANEXO 1

Para: MARIA HELENA PEREIRA FRANCO
<mhfranco@pucsp.br>
Assunto: ASSUNTO: AUTORIZAÇÃO PARA DADOS

Boa tarde, Dra Maria Helena

Venho por meio deste, autorizar o uso "dos dados" da página do movimento Não FOI Acidente, no trabalho de dissertação de mestrado, na qual a Sra é orientadora.

Aproveito para agradecê-las pela escolha do tema, pois em um país que a cada 12 minutos uma pessoa morre no trânsito, precisamos que o tema seja sempre discutido na sociedade. Espero ter a oportunidade de ler o trabalho, após a apresentação.

Att;

Ava Gambel

Captura de tela da autorização via e-mail para coleta de dados na comunidade virtual Não foi acidente, por meio de seu representante Ava Gambel.

REFERÊNCIAS

ABUQAMAR, Amal. Para a morte. Quando a morte virou símbolo nesta cidade? In: **Gaza: terra de poesia**. TAYSIR, Muhammad (org) [Tradução Alexandre Facuri Chareti], Tabla, Rio de Janeiro, 2022. (p. 12-15)

ADICHIE, C. N. **Notas sobre o luto**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1º edição, 2021.

ASSIS, André Sendra de. Historicidade clínica: contribuições do método fenomenológico-hermenêutico para a Psicologia. Tese de doutorado. São Paulo, 2018

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10697: Pesquisa de sinistros de trânsito - Terminologia**. Rio de Janeiro, p. 1. 2020.

BARBOSA, A. Processo de luto. In: **Manual de Cuidados Paliativos**. BARBOSA, A.; GALRIÇA-NETO, I. (editores); 2º edição. Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, 2010. (p. 487-532).

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Lisboa: Edições 70, 2009

BOELEN, P. A.; PRIGERSON, H. G. **The influence of symptoms of prolonged grief disorder, depression, and anxiety on quality of life among bereaved adults: a prospective study**. European Archives of Psychiatry and Clinical Neuroscience, 2007, p. 444-52.

BOERNER, K.; MANCINI, A. D.; BONANNO, G. A. On the nature and prevalence of uncomplicated and complicated grief patterns of grief. In: STROEBE, M.; SCHUT, H.; BOUT, V. D. **Complicated grief. Scientific foundations for health care professionals**. Nova York: Routledge, 2013, p.55-67.

BOWLBY, J. **Formação e Rompimentos dos Laços Afetivos**. Ed. Martins Fontes: S. Paulo, 1982.

BRASIL, Lei nº 11.705, de 19 de junho de 2008. Institui o Código de Trânsito Brasileiro. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111705.htm

BRASIL, Lei nº 12.760, de 20 de dezembro de 2012. Institui o Código de Trânsito Brasileiro. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12760.htm#art1

BRASIL. Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Acidentes de trânsito nas rodovias federais brasileiras: caracterização, tendências e custos para a sociedade. Brasília, 2015a**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=26277>. Acesso em: 14 de novembro de 2020.

BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. [Tradução Andreas Lieber]; Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2019.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto**. [Tradução Sergio Tadeu Niemeyer Lamarão]; Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2020.

CABRAL, A. M. **Cartografias do luto – A-deus, Jonas Rezende**. Rio de Janeiro: Maud. 1ª Edição., 2018.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 513-518, dez. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2013000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 28 jul. 2022. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.2-16>

CASANOVA, Marco Antonio. **Comprender Heidegger**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

CASSORLA, R. M. S. (1986). Reações de aniversário: aspectos clínicos e teóricos. *Jornal de Psicanálise*, 19(38), 25-39

CERQUEIRA, D. **Atlas da Violência 2021** / Daniel Cerqueira et al., São Paulo: FBSP, 2021.

CYRULNIK, B. **Falar de amor à beira do abismo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

DEVINE, M. **Tudo bem não estar tudo bem: vivendo o luto e a perda em um mundo que não aceita sofrimento**. [Tradução: Alves Calado]. Rio de Janeiro: Sextante, 2021.

Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 nov. 2022. BRASIL. Portaria 3.746. Disponível em: <https://in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-pr-3.746-de-24-de-novembro-de-2022-446105011>

ERLBRUCH, Wolf. **O pato, a morte e a tulipa**. São Paulo, Cosac & Naify; 1ª edição, 2009.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. Escuta clínica: experiência de uma mãe enlutada em tempos de COVID-19. In: **Reflexões sobre o Luto e Práticas Clínicas**. FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo (org): 1º edição. Edições IFEN, Rio de Janeiro, 2022. (p. 156-173)

FRANCO, Maria Helena Pereira. **O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno**. São Paulo: Summus Editorial, 2021.

FRANCO, Maria Helena; ANDERY, Maria Carolina Rissoni; COMARU, Claudia; JUNQUEIRA, Fabíola Mancilha; RIGONATTI, Vanessa & DUCCINI, Bianca Elisa Fogaça. **Vamos falar sobre luto por morte violenta?** Disponível em: <https://drive.google.com/drive/shared-with-me?hl=pt-BR>

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia (1917[1915]). In: **Introdução ao Narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. [Tradução Paulo César de Souza] São Paulo, Companhia das letras, 2010.

FRIZZO, H.C.F., BOUSSO, R.S., BORGHI, C.A., & PEDRO, W. J. A. **A expressão de pesar e luto na internet: um estudo de caso mediante o processo de adoecimento e morte de um cônjuge**. São Paulo: Revista Kairós — Gerontologia, 2017, p.207-231.

FROSSARD, A. G. de S.; AGUIAR, A. B. de; FONTES, E. **COVID-19 E CUIDADOS PALIATIVOS: UMA ANÁLISE NETNOGRÁFICA**. Ambiente: Gestão e Desenvolvimento, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 140–152, 2020. DOI: 10.24979/ambiente.v1i1.808.

GADAMER, H.G. **Verdade e método**. [Tradução: Flávio Paulo Maurer] Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GUEDES, Izabela Aparecida de Almeida; ANDERY, Maria Carolina Rissoni; COMARU, Claudia Marques. **Dia dos Mortos: Relato de Experiência**. Londrina, PR: Estud. Interdiscip. Psicol, 2021, p. 226-239.

GURFINKEL, Decio. Adições. Clínica Psicanalítica. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2014.

HAMDAM, Sami; BERKMAN, Natali; LAVI, Nili; SIGAL, Levy; BRENT, David. **The Effect of Sudden Death Bereavement on the Risk for Suicide**. The Journal of Crisis Intervention and Suicide Prevention, 2020.

HEIDEGGER, Martin. **Seminários de Zollikon**. [Tradução Gabriela Arnhold e Maria de Fátima de Almeida Prado], São Paulo: Educ: Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2001.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. [Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas: Fausto Castilho], Campinas, SP: Editora Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

HOLLAND, J. M.; NEIMEYER, R. A; BOELEN, P.A.; PRIGERSON, H. G. The underlying structure of grief: a taxometric investigation of prolonged and normal reactions to loss. **Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment**, 2009, p.190-201

HOLZHEY-KUNZ, Alice. **Daseinsanálise: o olhar filosófico-existencial sobre o sofrimento psíquico e seu tratamento**. [Tradução por Marco Casanova] Rio de Janeiro: Via Verita, 2018.

HOLZHEY-KUNZ, Alice. **Verdade emocional: o conteúdo filosófico das experiências emocionais**. [Tradução, introdução e notas por Marco Casanova] 1º ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2021.

KOZINETS, R. V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. [Tradução Daniel Bueno], Porto Alegre, Ed.Pense, 2014.

HUSSERL, Edmund. **Meditações cartesianas e conferências de Paris**. Rio de Janeiro. Forense, 2013.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. **Sobre a morte e o morrer**. [Tradução Paulo Menezes], São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LANDZBERGAS, Zilvinas. O mistério de quarto fechado. In: **O pássaro lento**. Fontes, Cláudia (curadoria). [Tradução de Pablo Martín Ruiz e Paloma Vidal] São Paulo. Editora: Fundação Bienal de São Paulo, 2018. (156-173)

LEÃO, Nara. **Cuitelinho**. Rio de Janeiro, Marcus Pereira, 1974. (duração 2:06 minutos)

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. [Tradução Carlos Irineu da Costa], São Paulo, Ed 34, 1999.

MADEIRA, Carla. **Tudo é rio**. Rio de Janeiro, Ed. Record, 2021.

MARTINS, A. **Quando começa e quando termina a pesquisa netnográfica? O grupo Profiles de Gente Morta**. Revista M. Estudos Sobre a Morte, Os Mortos E O Morrer, 2(3), 259–283. <https://doi.org/10.9789/2525-3050.2017.v2i3.259-283>, 2019.

MEZAN, Renato. **Tempo de muda: ensaios de Psicanálise**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

MORAIS-NETO, O. L.; AQUINO, E. C. **Psicologia do trânsito e transporte: manual do especialista** / Fábio de Cristo, (organizador). São Paulo: Vetor, 2019.

NASCIMENTO, Milton; BRANT, Fernando. **Encontros e despedidas**. Rio de Janeiro, Barclay, 1985. (duração 3:35 minutos)

OMS – Organização Mundial de Saúde. **Plano Global – Década de ação pela segurança no trânsito 2021-2030**. Disponível em: <https://www.who.int/pt/publications/m/item/global-plan-for-the-decade-of-action-for-road-safety-2021-2030>

PARKES, C. M. **Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações** [Tradução Maria Helena Pereira Franco], São Paulo, Ed. Summus, 2009.

PARKES, C. M. **Luto: Estudos sobre a perda na vida adulta**. [Tradução Maria Helena Pereira Franco], São Paulo, Ed. Summus, 1998.

PENNEBAKER, J. W. & EVANS, J. F. **Expressive Writing: Words that heal**. Disponível em: <https://ler.amazon.com.br/?asin=B00JUXQ6G0>, 2014.

PERAZZO, Sérgio. **Descansem em paz os nossos mortos dentro de mim**. São Paulo: Ágora, 2019.

PERES, A. C. **Revista Radis. N. 197**. Disponível em: https://radis.ensp.fiocruz.br/phocadownload/revista/Radis197_web.pdf Acesso em: 10/10/2020, 2019.

PRIGERSON, H. G. Complicated Grief: when the path of adjustment leads to a dead-end. **Bereavement Care**, 2004, p.38-40.

PRIGERSON, H. G.; MACIEJEWSKI, P. K.; REYNOLDS, C. F.; BIERHALS, A. J.; NEWSON, J. T.; FASICZKA, A.; MILLER, M. Inventory of complicated grief: a scale to measure maladaptive symptoms of loss. **Psychiatry Research**, 1995, p.65-79.

PRIGERSON, H. G.; BIERTHALS, A.; KASL, S.; REYNOLDS, C. F. SHEAR, M. K.; DAY, N. JACOBS, S. Traumatic grief as a risk factor for mental and physical morbidity. **American journal of psychiatry**, 1997, p.616-623.

PRIGERSON, H. G.; SHEAR, M. K.; JACOBS, S. C.; REYNOLDS, C. F.; MACIEJEWSKI, P. K.; DAVIDSON, J. R.; ZISOOK, S. Consensus criteria of traumatic grief. A preliminary empirical test. **The British journal of psychiatry**, 1999, p.67-73.

PRIGERSON, H. G.; VANDER WERKER, L.; MACIEJEWSKI. Prolonged grief disorder: a case for inclusion in DSM. In: **STROEBE, M.; HANSSON, R.; SHUT, H. (Org.)**. Handbook of bereavement research and practice: advances in theory and intervention. Washington: American Psychological Association, 2008, p.165-186.

RAMOS, Caroline G; KOHLSDORF, Marina. **Netnografia e pesquisas em Psicologia: diálogos possíveis.**/ Marina Kohlsdor (organizadora) São Paulo, Ed. Dialética, 2020.

RYNEARSON, E. K.; SCHUT, H.; STROUBE, M. Complicated grief after violent death. In: STROEBE, M.; SCHUT, H.; BOUT, V. D. **Complicated grief. Scientific foundations for health care professionals.** Nova York: Routledge, 2013, p.278-292.

RYNEARSON, E. K. **Retelling violent death** Abingdon, Routledge, 2001.

SHEAR, K.; FRANK, E.; HOUCK, P. R.; REYNOLDS, C. F. Treatment of complicated grief: a randomized controlled trial. **JAMA**, 2005, p.2601-2608.

SOUZA, Margaret. **Bereavement: An anthropological approach.** Nova Iorque: Death Studies, 2017, p.61-67.

SOUZA, Edinilsa Ramos de; MINAYO, Maria Cecília de Souza. (coord) . **Vidas Preservadas: Experiências intersetoriais de prevenção dos acidentes de trânsito.** Rio de Janeiro: Fiocruz/Ensp/Claves; Hucitec, 2014.

SODELLI, Marcelo. Temporalidade, uso de drogas e fenomenologia. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 2019;8(2):35-52. Disponível em: <https://www.revistapfc.com.br/rpfc/article/view/953/953>

Stroebe M, Schut H. **The dual process model of coping with bereavement: rationale and description.** *Death Stud.* 1999 Apr-May;23(3):197-224. doi: 10.1080/074811899201046.

STROUBE, Margareth; SCHUT; Henk; BOERNER, Kathrin. **Cautioning health-care professionals: bereaved persons are misgued trough the stages of grief.** *Omega (Westport)*. 2017 Mar;74(4):455-473. doi: 10.1177/0030222817691870.

TATTERTON, Michael J.; WALSH, Catherine. **Understanding the bereavement experience of grandparents following the death of a grandchild from a life-limiting condition: A meta-ethnography.** *Journal of Advanced Nursing*, 2019, p. 1406–1417.

TONKIN ,Lois.**Growing around grief—another way of looking at grief and recovery,** *Bereavement Care*,1996. 15:1, 10, DOI: [10.1080/02682629608657376](https://doi.org/10.1080/02682629608657376)

VENDRUSCOLO, Juliana. E agora amor, o que será da vida? *Psicoterapia Fenomenológica-existencial em Situações de Luto*. In: **Reflexões sobre o Luto e Práticas Clínicas.** FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo (org): 1º edição. Edições IFEN, Rio de Janeiro, 2022. (p. 244-267)

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetificação**. Curitiba, Editora Apris, 2018.

WINNICOTT, Donald. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro. Imago, 1975

WORDEN, J. W. **Aconselhamento do luto e terapia do luto: um manual para profissionais da saúde mental**. São Paulo, Ed. Rocca, 2013.